ILUSTRAÇÃO

A EDUCAÇÃO DE AQUILES

(Quadro de Regnault — Gravura de Narcisse Lecomte)

O centauro Chiron ensina Aquiles a manejar o arco

1-JULHO-1937 N.º 277 — 12.º ano PREÇO - 5 escudos

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade — Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica — Géneros alimentícios — Lavagens — Colas — Vernizes — Higiéne — Conservas — Animais domésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação — Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas e cimentos — Socorros de urgência — Lavores e passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Tecidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . **Esc. 30$00**

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 – LISBOA

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 3o - Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	[illegible]$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Uma chavena d'
'OVOMALTINE'
pela manhã
dá energias para um
dia de trabalho
ao deitar
assegura um sono
tranquilo e natural.

À venda em todas as Farmácias, Drogarias e Mercearias em 1/1, 1/2 e 1/4 de lata
DR. A. WANDER S. A. - BERNE
ÚNICOS CONCESSIONÁRIOS PARA PORTUGAL:
ALVES & C.ª (IRMÃOS) - RUA DOS CORREEIROS, 41-2.º - LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS
Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o
ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra
a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos
e todas as dôres de origem artritica
Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.
À venda em todas as Pharmácias
Produits BÉJEAN - Paris

Como As Bonitas Enfermeiras

Branqueiam a Pele

As enfermeiras sabem que o Creme Tokalon, Cor Branca (não gorduroso), contem agora o creme fresco e o azeite predigeridos, combinados com ingredientes adstringentes que embranquecem e tonificam a pele. Não sómente elas o recomendam, como também o empregam em si para branquear, amaciar e embelezar a pele.

Êle penetra instantaneamente, acalma a irritação das glândulas da pele, contrai os poros dilatados e dissolve os pontos negros de tal modo que desaparecem logo. Mantém a epiderme mais sêca numa tenue humidade fresca e aveludada. Apaga o luzidío duma pele oleosa e gordurosa. As rugas devidas à fadiga desaparecem depois de uma só aplicação.

O Creme Tokalon Alimento para a Pele (Côr Branca) torna, em 3 dias, a pele duma beleza e dum frescor novos e indsecritiveis - e isto de tal maneira que não é possível obter doutra forma. Use-o todos os dias.

À venda em todos os bons estabelecimentos
Não encontrando escreva à AGÊNCIA TOKALON
88, Rua da Assunção, LISBOA
QUE ATENDE NA VOLTA DO CORREIO

À VENDA
o 5.º volume
CAMÕES LÍRICO
(CANÇÕES)
PELO DR. **AGOSTINHO DE CAMPOS**
Este volume completa a obra **Camões Lírico**, da Antologia Portuguesa
1 vol. de 320 págs. broch. ..... **12$00**
Pelo correio à cobrança ..... **14$00**
Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

Prémio Ricardo Malheiros

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

TITÚLOS DOS CAPÍTULOS:

O capote do Snr. «Mariquinhas»—Apêgo à Dôr — Dr. Mendes «Gira» — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... embainhada! — O Barboza de Sejins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . **12$00** enc. . . **17$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

Venda em todas as Pharmacias

A saír brevemente

AQUILINO RIBEIRO

O GALANTE SÉCULO XVIII

Textos do CAVALEIRO DE OLIVEIRA

1 volume de 324 págs., broc. . . **12$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A PROSA ADMIRAVEL DUM GRANDE ESCRITOR

À venda a 3.ª edição de

NEVES DE ANTANHO

do **CONDE DE SABUGOSA**

Ignez Negra. — Amores do Senhor D. Jorge. — D. Brites de Lára. — Um romance na Côrte de D. João III. — Desculpa de uns amores. — A filha de D. Pedro Nunes. — Sóror Violante do Céo. — D. Francisco Manoel de Melo. — Antónia Rodrigues. — Amor aos livros. — Ramalho Ortigão. — Um beija-mão de Ano Bom no Paço da Ajuda.

1 volume de 318 págs., brochado . . . . . **12$50**

Pelo correio à cobrança mais 2$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

VIAGENS EM ESPANHA

POR **JÚLIO DANTAS**

Á VENDA O 3.º MILHAR

O pórtico da glória — La maja desnuda — Os bôbos de Velásquez — Galiza e a saudade — Mósen del Sevillano — A Aljaferia de Saragoça — Princezas de Moro e de Ticiano — O túmulo de Rosalia — A armadura de D. Sebastião — O luar de Pontevedra — La Tirana — Las mujeres son buenas — Bárbara de Bragança — Rainha de uma noite — Carlota Joaquina num quadro de Goya — A lingua galega — A rainha peregrina — El Português en Sevilla — A loucura de Don Quixote — O castelo do rouxinol — Lopo de Vega em Portugal — Um português na obra de Cervantes — Puente de Bárzia — Toledo e o "Greco" — Los desastres de la guerra.

Um volume de 312 páginas, brochado, com capa a côres, oiro e prata..... **12$00**

Pelo correio à cobrança... **14$00**

Pedidos aos editores: **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 – LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75— LISBOA

Venda a prestações contra entrega imediata da obra. O cliente paga a 1.ª prestação e pode levar para casa os 21 volumes tendo ainda a vantagem do sorteio que lhe pode proporcionar o pagamento da obra por uma deminuta importância

HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS

antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17 cm. × 26 cm., 18.948 págs., 6.148 grav. e mais de 50 hors-textes

Muito bem encadernados em percalina e letras douradas

Em 20 prestações mensais de Esc. 75$00 com resgate por sorteio mensal Esc. 1.500$00

COMO É O SORTEIO? Os recibos das prestações com direito a sorteio levam o número da inscrição (só dois algarismos). Quem tiver o número igual aos últimos dois algarismos do número premiado com o 1.º prémio da última lotaria do mês **NADA MAIS TERÁ QUE PAGAR** liquidando assim o débito que nessa data tiver de prestações a vencer. **ASSIM PODERÁ SALDAR O SEU DÉBITO, APENAS COM UMA OU MAIS PRESTAÇÕES** conforme a sorte bafejar o comprador. Desta vantagem **NÃO BENEFICIARÁ O COMPRADOR** que estiver em atraso de uma ou mais prestações.

Mediante pequena formalidade o comprador, apenas com o pagamento da 1.ª prestação, pode levar a obra completa para sua casa

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

Horas sem sofrer...
Horas felizes

A alegria de viver da mãi reflecte-se fielmente no rosto da criança. Por isso, devem todas as mãis inculcar indelevelmente no ser da criança a expressão viva da sua alegria natural e evitar a dôr. E é tambem tão simples levar uma vida sem dôres com a

Cafiaspirina

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encad., **17$00**; broc., **12$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

À venda a 9.ª edição

D. PEDRO E D. INÊS

«O GRANDE DESVAYRO!»

Romance por ANTERO DE FIGUEIREDO

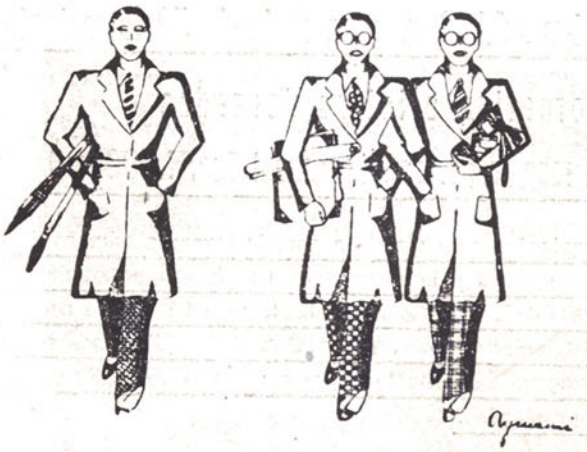
1 vol. de 324 páginas, brochado, com capa a côres e ouro, Esc. **12$00**; pelo correio à cobrança, Esc. **14$00**

À venda em tôdas as livrarias

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRAVADORES
IMPRESSORES



TELEFONE 21308

BERTRAND IRMÃOS, L.DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

Banhos de agua termal, Banhos de agua do mar quentes, BANHOS CARBO-GASOSOS, Duches, Irrigações, Pulverisações, etc.

FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultravioletas, DIATERMIA e Maçagens.

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 12

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

N.º 277 — 12.º ANO 1-JULHO-1937

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

O PAVILHÃO PORTUGUES NA EXPOSIÇÃO DE PARIS

NA Exposição de Paris, o Pavilhão de Portugal pode não ter a imponência dos Pavilhões da Alemanha, da Rússia, da Itália ou da Bélgica, mas rivaliza em dimensões com os melhores que ali se ostentam. Magnificamente situado no centro da afluência de todos os que pretendem assistir às festas nocturnas da Exposição, calcula-se a enorme concorrência que tem obtido, sendo até necessário que a polícia organize cordões para regular o trânsito. De nenhum outro ponto se aprecia melhor os jogos de água, fogo-de-vistas e iluminação que se realizam no Sena.

Um ilustre jornalista francês, referindo-se ao Pavilhão de Portugal, afirma com o maior entusiasmo:

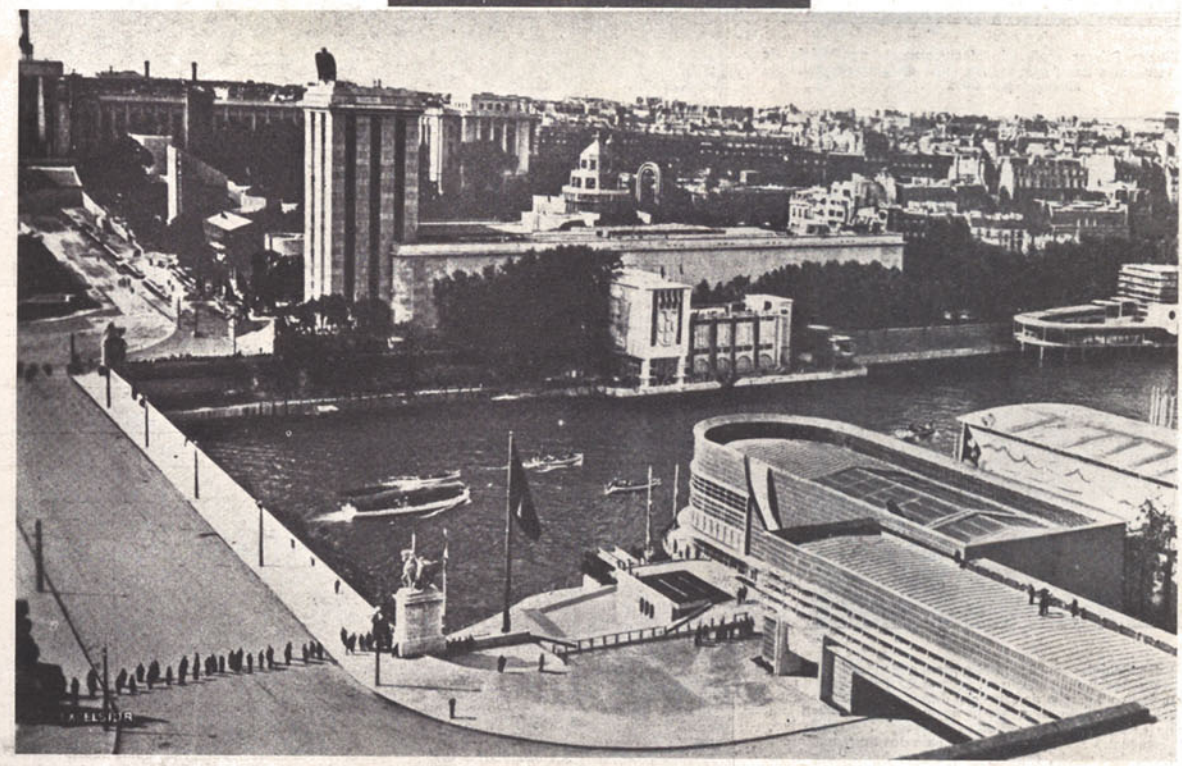
«Apreciamos longamente a confecção esmerada das bonecas que reproduzem os trajos e costumes patriarcais e campestres desde o vale do Minho à província meridional do Algarve; os produtos das artes e das indústrias populares, de uma tão surpreendente originalidade; a disposição dos produtos do solo, das cortiças aos minerais; sem esquecer essa indústria das conservas, que é um dos orgulhos do país. E numa pequena sala onde está exposto o o sextante de Gago Coutinho, ao lado de uma esfera armilar dos velhos descobridores do Universo, uma pequenina inscrição — uma só — discreta mas magnífica e que diz bem o que a Humanidade deve aos cristãos dêsse país:

1470 — *A primeira caravela que atravessou o Atlântico do Sul era portuguesa e levava nas velas a cruz de Cristo*

1922 — *O primeiro avião que sobrevoou o mesmo Oceano levava nas asas a mesma cruz e a mesma fé*

Em seguida, o jornalista francês enaltece a gloriosa história portuguesa resumida nas estátuas elevadas na fachada do Pavilhão: "Camões, o poeta, o soldado e o cantor ardente dos *Lusíadas*; Magalhães, o navegador nunca cansado da imensidade; o Infante D. Henrique, animador dos descobrimentos da época heróica; Álvares Cabral que descobriu o Brasil, e Vasco da Gama, enfim, que traçou com as suas caravelas o caminho das Índias!»

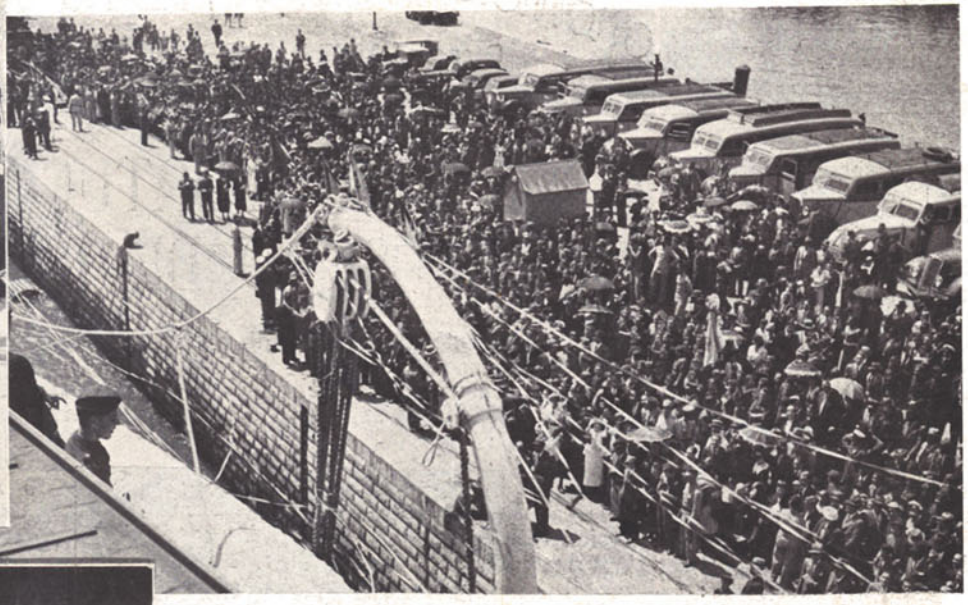
Enfim!... É-nos agradável ouvir falar assim da nossa querida Pátria...



Em cima: *O salão de honra do Pavilhão Português* — Em baixo: *A passagem do Cortejo Presidencial em frente do Pavilhão de Portugal*

O cruzeiro dos estudantes das Colónias á Metrópole

Um aspecto da chegada ao Cais da Rocha do Conde de Obidos



A multidão, apinhada no Cais, aguarda a chegada dos alunos dos Liceus de Angola e Moçambique que, a bordo do «Colonial» vieram visitar a Metrópole. A recepção teve lances de imensa alegria e indescritível entusiasmo

O sr. dr. Oliveira Salazar acolhendo afectuosamente no Palácio de S. Bento os estudantes das Colónias, aos quais dirigiu uma grandiosa alocução patriótica

Um aspecto da assistência ao grandioso festival realizado no Coliseu dos Recreios em honra dos estudantes do Ultramar em visita à Metrópole, perfumar-se de tradição

Os estudantes das Colónias na Câmara Municipal onde lhes foi dispensada uma carinhosa recepção, tendo o sr. general Daniel de Sousa proferido um entusiástico discurso de saudação declarando que os velhos entregam o facho sagrado do progresso da nossa terra aos que iniciam a sua vida com energia forte e justificadas esperanças. — Em baixo, á direita: Os estudantes em frente do monumento dos Restauradores. O reitor do Liceu de Luanda, engenheiro sr. Cruz Aguilar depôs no pedestal um lindo ramo de cravos vermelhos num gesto de inquebrantável fé nos destinos da nossa Pátria

ACTUALIDADES DA QUINZENA

O Chefe do Estado cortando a fita que vedava a entrada da Exposição Histórica da Ocupação Portuguesa no século XIX inaugurada no Parque Eduardo VII e que tão flagrantemente veio patentear que, desde os tempos dos Descobrimentos e Conquistas aos tempos de hoje, os portugueses souberam sempre zelar a conservação, expansão e prestígio da sua Pátria

Dois curiosos aspectos das iluminações no Palácio da Exposição Histórica da Ocupação. Êste certame é uma página evocativa do nosso passado, um documento eloqüente da nossa firmeza presente e uma segura esperança dum futuro amplo e feliz. Portugal — o país prodigioso que, na sua exiguidade territorial, «deu mundos novos ao mundo» aparece-nos nessa magnífica Exposição numa síntese tão compreensível que nos faz recordar a famosa frase dum grande compatriota nosso: «Se eu não fôsse português, desejava ser português!»

O campeão ciclista Alfredo Trindade, que regressou do Rio de Janeiro, a bordo do Alcântara, recebido carinhosamente por alguns dos seus admiradores. O campeão vem tão satisfeito das Terras de Santa Cruz, que, ao desembarcar, declarou ser o seu mais ardente desejo voltar lá logo que lhe seja possível. — O sr. Presidente da República com os membros do Govêrno e outras entidades oficiais no momento de se despedir da cidade de Beja, onde foi inaugurar o novo Liceu Fialho de Almeida, sendo alvo das mais calorosas manifestações de simpatia por parte do povo alentejano

NOTICIAS DA QUINZENA

Os estudantes paulistanos recebidos pelo sr. Ministro da Educação Nacional. A apresentação foi feita pelo sr. Embaixador do Brasil. Em nome dos seus colegas, falou o sr. Ricardo Vagner, aluno da Faculdade de Direito, que fez votos para que se estreitem cada vez mais as relações culturais entre os dois países. O Brasil — o querido país irmão — evocando-nos saüdades pela distância, lateja no nosso coração

A bordo do navio escola polaco «Iskra» foi dada recepção à Imprensa, seguindo-se um banquete na Legação da Polónia, a fim de se festejar a visita do barco. Assistaram o sr. Ministro da Marinha, o chefe do protocolo do Ministério dos Negócios Estrangeiros, almirantes Mata e Oliveira e Tito de Morais, comandante Francisco Luiz Rebelo, oficiais da armada polaca, etc. A nossa gravura apresenta um grupo da assistência ao banquete. — *A' direita:* O professor Leo Frobenius, da Universidade de Francfort, depondo uma coroa no túmulo de Vasco da Gama

Em cima, à esquerda: Os delegados do Califa de Marrocos, chegados a Lisboa para assistir às cerimónias solenes da abertura da Exposição Histórica da Ocupação, na sua visita ao Ministério das Colónias e que trazem o bastão histórico de D. Pedro de Meneses a que fazemos referência na nossa página 21. — *A' direita:* O encerramento do brilhante ciclo vicentino da Academia das Ciências, tendo o sr. Joaquim Leitão realizado uma conferência que foi muito aplaudida. Falou, por fim, o eminente académico e grande escritor dr. Júlio Dantas que proferiu uma tão brilhante quão erudita prelecção sôbre o fundador do Teatro Português. E, assim, o ciclo vicentino encerrou com chave de oiro. — *Em baixo:* Um aspecto do cortejo presidencial passando em frente do edifício do novo Liceu Nacional Fialho de Almeida, em Beja. A formosa cidade alentejana, sem perder as suas mais gratas tradições, acompanha a civilização e o progresso em todas as suas modalidades. A grata aspiração do Liceu Fialho de Almeida está realizada. E, assim possuindo um modelar estabelecimento de ensino, prestou também sincera homenagem ao grande escritor de «Os Gatos», de que tanto se orgulha

ASPECTOS
DA GUERRA CIVIL
EM ESPANHA

As gravuras publicadas nesta página mostram o aspecto desolador de algumas casas de Madrid após os bombardeamentos. Que os países onde reina a ordem e a boa paz saibam conservar esta felicidade que vale mais que o dinheiro, as grandezas e a glória vã de mandar

Protuberância solar em 20 de Outubro de 1926, desenhada pelo Dr. Strebel, em Herrsching, no refractor

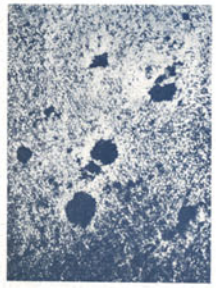
LENDO OS ASTROS

Os formidáveis ciclones do Sol

e a sua acção sôbre o magnetismo da Terra

TUDO o que é vida, qualquer êxito, o mesmo desenvolvimento na Terra, tudo, numa palavra, o devemos ao astro-rei, ao Sol, eterno manancial de fôrça e de energia. É certo que não actua sôbre os nossos sentidos e sôbre o nosso sentir senão por meio dos seus raios ultra-violetas que escurecem a nossa pele. Não ouvimos o Sol pela simples razão de que o vácuo que o separa do nosso planeta não propaga as ondas sonoras, pois, de outra maneira, o rugido das tormentas na face gasosa e quente do globo solar e as bruscas erupções de hidrogénio candente que chegam a alcançar alturas de 100 mil quilómetros e mais, não nos deixariam um momento de repouso desde o nascer ao pôr do sol de cada dia. Também não recebemos choques eléctricos ao nascer o Sol porque não possuimos um sentido que nos permita aperceber-nos das suas ondas electricas. E ainda bem, porque se assim não fôsse, o tupido véu das radiações eléctricas radiofónicas da T. S. F. que está cobrindo o nosso planeta, há anos, dia e noite, teria dado cabo já do nosso sistema nervoso. No entanto, sem os sentir, não podemos negar que os influxos eléctricos do Sol nos alcançam ininterruptamente e "perturbam os nossos circuitos», onde trabalhamos com raios eléctricos.

Se trabalhamos com raios luminosos artificiais, temos de nos colocar ao abrigo da luz solar penetrante. Na câmara escura, por exemplo, o mais débil raio de luz solar pode inutilizar a imagem da película fotográfica. Contra as radiações eléctricas do Sol, que se encontra a uma distância de 150 milhões de quilómetros, somos protegidos em parte pela atmosfera que envolve o nosso planeta. E dizemos em parte, porque qualquer variação destas radiações eléctricas, cuja intensidade é extraordinária, atravessa a atmosfera, e pode causar-nos grandes perturbações. Influém de-certo modo sôbre o tempo — eis o que todos nós aprendemos na escola. Afirma-se que as manchas solares fôram uma das causas a que se deve o calor sentido durante o inverno passado no centro da América do Norte e que originaram as grandes inundações no Mississipi e no Ohio. As variações da radiação eléctrica do Sol influém igualmente no campo magnético da Terra, como todos os marinheiros o sabem. É possível que influam também sôbre o nosso estado de saúde em todo o desenvolvimento da nossa existência. Pouco é o que se sabe sôbre êste ponto, pois os conhecimentos e os estudos do período de onze anos das manchas solares são ainda recentes e hesitantes.



Grupo de manchas e granulações do Sol, segundo uma fotografia obtida por Janssen, no Observatório de Meudon

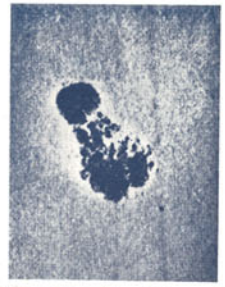
Do que não fica a menor dúvida é de que estas manchas solares, conhecidas pelos astrónomos como correntes eléctricas e modificações mecânicas da camada gasosa candente que envolve o Sol, exercem uma poderosa influência sôbre a radiodifusão. Porque forma o fazem é o que a ciência ainda desconhece... Mas o caso é o que os radio-ouvintes de ondas curtas de todo o Mundo, que nos últimos anos se haviam familiarizado com esta comunicação invisível com países longínquos, experimentam hoje, pela primeira vez, o crescente influxo de êstes ciclones solares que passam despercebidos aos olhos e ouvidos humanos. A recepção do Ultramar não é sempre igual: se um dia é boa, no outro dia é má; às vezes chega a desaparecer completamente durante alguns segundos ou minutos, e até sucede, como sucedeu em 3 de Dezembro de 1936, desaparecer durante meia hora.

O actual período de onze anos de duração das manchas solares alcançou a sua grandeza máxima em 1936, que foi maior que a de 1929. Para fins de 1937 espera-se outro novo máximo, a que se seguirá outro em 1939, o próximo e ultimo dêste período. A princípio receou-se que a transmissão por ondas curtas das festas celebradas em Inglaterra no mês de Maio por motivo da coroação do rei Jorge VI seria perturbada por um ciclone solar, ao passo que os profetas meteorológicos vaticinaram um tempo tranqüilo e sereno.

Choveu torrencialmente.

Pregunta-se agora: Qual é a origem dêstes ciclones solares? Os astrónomos não puderam dar até agora uma resposta clara e terminante. Parece que debaixo da superfície do globo solar se produzem poderosos torvelinhos que lançam massas candentes de gás para a cromosfera (parte da fotosfera que se supõe composta de hidrogénio inflamado) que envolve o Sol, enquanto que as massas frias são arrojadas para a garganta aberta desta maneira.

Há algumas semanas, foi descoberta uma mancha solar de tão grandes dimensões que 40 planetas do tamanho da Terra não chegariam para cobrir a sua superfície. E estas poderosas alterações da superfície solar, erupções que podem ser observadas perfeitamente durante um eclipse do sol, costumam ser acompanhadas dum forte bombardeamento de raios eléctricos que, por sua vez, influi eléctricamente nas camadas superiores da atmosfera, a 100 e 200 quilómetros sôbre a Terra, e, conseqüentemente, também nas ondas radiofónicas, reflectidas especialmente para a Terra por estas elevadas camadas atmosféricas.



Mancha observada na região central da superfície solar e que mais parece uma fatídica impressão digital

Naturalmente não queremos dizer com isto que tais manchas do Sol exercem influência desfavorável na radio-recepção, provocando "fadings».

Em vários casos tem sido observado o contrário precisamente durante a recepção diurna. Surpreendente é, por vezes, a benéfica acção de êstes raios "raios de sol da altitude» sôbre as ondas ultra-curtas, isto é, sôbre as ondas empregadas para transmissão de televisão.

É sabido que as ondas televisoras alcançam unicamente até o horisonte visível, circunstância esta que limita a propagação da televisão dêsde um só dos transmissores. O mais extraordinário é que, nestes últimos mêses, devido à crescente influência das manchas solares, algumas ondas ultra-curtas têm cruzado oportunamente o Atlântico, por causa, sem dúvida alguma, do seguinte fenómeno: as alterações eléctricas criaram nas altas camadas ultra-curtas, que são reflectidas para a Terra, exactamente o mesmo que as ondas curtas da radiodifusão. Noticias, por ondas curtas, destinadas à polícia de Nova-York fôram recebidas, repentinamente, na Europa. Algumas emissões de televisão de Londres não puderam ser recebidas em Nova-York, mas apenas as correspondentes emissões auditivas sôbre a onda de 7 m., provavelmente porque eram mais fáceis de reconhecer do que a troca da imagem incompreensível para o ouvido. Talvez possam propagar-se num âmbito como o da radiodifusão por ondas curtas, pelo menos sôb as favoraveis condições de manchas solares. No entanto, estas influências são, em geral, raras, e a recepção por ondas curtas pióra quási sempre quando no globo solar giratório há uma mancha grande que se aproxima da Terra. Durante êstes 18 meses tem sido observado mais de quarenta vezes uma "languidez» geral da radiodifusão ultratramarina por ondas curtas, languidez acompanhada regularmente por graves explosões de gás no Sol e de perturbações magnéticas na Terra.

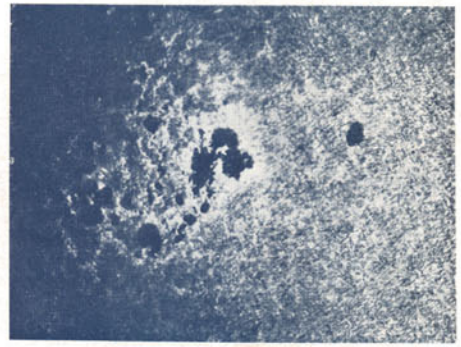
Não podemos fechar a Terra, como se esta fôsse uma câmara escura, contra as irregularidades do bombardeamento eléctrico que estorvam por vezes, subitamente, a recepção musical de Berlim, ou de Schenectady ou de Londres. Temos, ainda assim, um meio para que êste influxo duma fôrça maior chegue a ser o mais pequeno possível. Êste meio é o reflector, o colector de energia com que irradiam os transmissores, Quanto maior fôr a energia com os transmissores irradiam, menor será a influência dêste bombardiamento eléctrico do Sol. Além disso, quanto mais se reüna esta energia, acumulando-a e dirigindo-o sôbre determinados objectos como se se tratasse dum projector, menos dano poderá causar-lhe a fôrça maior à emissão humana. Uma das grandes vantagens das ondas curtas que servem, em primeiro lugar, para a transmissão a distância é que com elas podem fazer-se vibrações iguais às dos raios luminosos dos farois dos automó veis. Desta maneira se poupa muita energia. Ao passo que os mais poderosos transmissores radiofónicos têm uma potência de 200 a 500 kw., os mais fortes transmissores Telefunken em Zeesen, radiam unicamente com 50 kw.

Fotografia ultra-violeta de um grande grupo de manchas solares no Sol, obtida pelo Dr. Strebel, no Observatório Herrsching, perto de Munich. Os poderosos torvelinhos electrónicos destas manchas exercem influências ainda desconhecidas no magnetismo terrestre

Esta energia dirigem-na em forma de raio largo para determinadas partes do globo terráqueo. Até certo ponto não é necessário que os transmissores Telefunken de Zeesen sejam ouvidos em tôdas as partes do Mundo com a mesma potência. No Polo Norte ou na Alasca, a música berlinense encontrará seguramente tão poucos aficionados como em Madagascar ou no Mar Vermelho. Os Os projectores dos grandes transmissores de ondas curtas dirigem os seus raios invisíveis a tôdas as partes onde se crê que existe uma quantidade consideravel de radio-ouvintes para determinados transmissores ou um idioma determinado. Os raios dirigidos da estação de Zeesen, por exemplo, chegam às três Américas, à Ásia Oriental e Central, à África e à Austrália. Não ao mesmo tempo, pois, enquanto num hemisfério é noite, no outro é dia, e a recepção radiofónico é recebida de preferência durante a noite.

É claro que a radiação a tal distância não pode ser igual em tôdas as partes, mas quási nunca sucederá que estas emissões, fortemente ligadas, cessem completamente, ainda quando seja por pouco tempo, tanto mais quando se utilizam longitudes de onde alternantes entre 20 a 50 metros, segundo a onda que, em diferentes horas do dia, seja menos sensível ao pérfido bombardeamento do Sol com particulas carregadas eléctricamente. Eis aqui os meios pelos quais se eliminam as intervenções perturbadoras do Planeta Rei com a sua acção benéfica. A técnica humana acabará, em resumidas contas, por vencer o Sol — a não ser que, um dia, lhe ocôrra chocar com um qualquer dos outros corpos celestes. E isto, vendo bem, é pouco provável.

ANDRÉ LION.



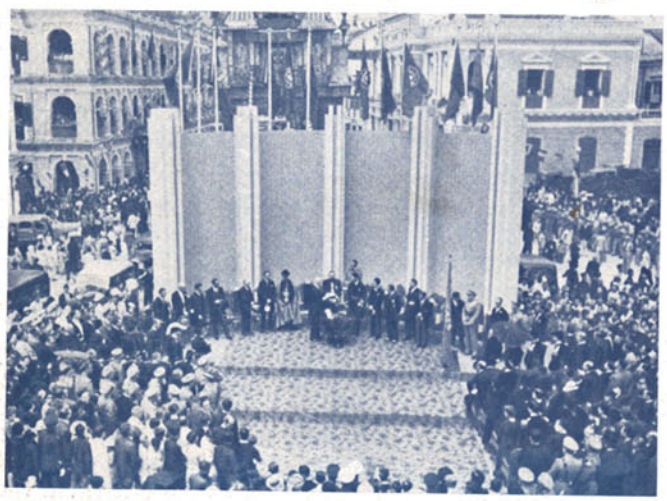
Manchas observadas no bordo ocidental do Sol, segundo a fotografia obtida pelo director do Observatório de Meudon

A RECEPÇÃO DO NOVO GOVERNADOR DE MACAU

O sr. Artur Tamagnini Barbosa, no momento do seu desembarque em Macau onde volta a assumir, pela terceira vez, o alto cargo de governador daquela formosa colónia

A nova igreja da Penha iluminada durante os festejos em honra da chegada do Governador, sr. Artur Tamagnini Barbosa que era aguardado jubilosamente pela população

Desembarque do Governador em Macau, facto que revestiu grande brilhantismo, mostrando bem, quanto o sr. Artur Tamagnini Barbosa é estimado nesta formosa colónia



O encarregado do Govêrno, sr. João Pinto Crisóstomo, lendo com a maior solenidade o seu discurso de entrega de poderes ao novo governador, sr. Artur Tamagnini Barbosa

Um aspecto do Largo do Senada onde uma enorme multidão assistiu ao acto da posse do novo governador, sr. Artur Tamagnini Barbosa, após o desembarque em Macau

A assistência ao acto da posse, vendo-se à esquerda madame Gellion, esposa do consul da Inglaterra em Macau e sir Robert Ho-Tong milionário chinês chegado de Hong-Kong

Na Avenida marginal do Pôrto Interior, após o desembarque, um enorme dragão cumprimenta o novo governador que, de automóvel, se dirige para o palácio do Leal Senado

O SEGRÊDO DA PIRÂMIDE

E A FELICIDADE QUE NOS ESPERA DAQUI A 16 ANOS

A grande Pirâmide

DAVID DAVIDSON descobriu ha tempos um assunto que, à falta de melhor, conseguiu provocar uma certa sensação. Pretende ler a sina da humanidade, não na palma da mão como qualquer cigana habilidosa, mas na face austera da pirâmide de Chéops, no Egipto.

Quando ha anos se manifestou como especialista em profecias que vai arrancando com certo engenho das inscrições da famosa pirâmide, houve quem o contradissesse, chegando os mais hábeis epigrafistas a tomar parte na contenda. E, assim, o esfôrço de Davidson parecia ter falhado por completo em face de tão solenes desmentidos. Pelo que vemos agora, o "profeta" não esmoreceu, apesar de contar com um escasso número de pessoas que condescendem em dar-lhe um pouco de crédito. Fazendo pouco ou nenhum caso do cepticismo do público, prossegue na sua faina, escrevendo monografias sôbre a grande pirâmide que, em sua opinião, narra o passado e prevê o futuro por meio de um sistema geométrico perfeitíssimo.

Em 1928, Davidson profetizou uma guerra que deveria desencadear-se, alguns anos depois, na Palestina e no Egipto, e que duraria até 1936. Esta previsão veio enfraquecer ainda mais os já abalados créditos do especialista de profecias, embora se produzissem, na data indicada, movimentos revolucionários em ambos os países. Mas, até agora, não se falou de guerra e a circunstância, anunciada também por Davidson, da invasão do Egipto e da Palestina por tropas nórdicas não se deu também.

Mas, afinal, porque extraordinária tendência ha de o sr. Davidson consultar a pirâmide de Chéops e não qualquer das outras que lhe ficam vizinhas?

Por ser a mais alta?

Tem 138 metros acima do solo, sendo a sua base actual de 227, e a aresta de 217.

Qual seria o motivo da sua construção? Sabe-se, ou, pelo menos, calcula-se que Chéops, rei do Egipto, engrandecendo a quarta dinastia a que pertencia, mandou construir, em Bubastis e noutras cidades, monumentos grandiosos de que só restam hoje ruínas grandiosas como documentos duma civilização longínqua. Mandou também construir a grande pirâmide que lhe serve de túmulo. Em volta do nome deste soberano formaram-se muitas lendas que chegaram até nós, umas por via egípcia e outras por via grega. Embora se afirme que Chéops fez um bom govêrno, os gregos do tempo de Heródoto dizem que êste rei era ímpio e cruel, pois mandára encerrar os templos dos deuses, e obrigára os seus vassalos aos trabalhos mais duros a fim de elevar a pirâmide que deveria perpetuar o seu nome através dos séculos.

Os autores bisantinos adotaram uma tradição judaica, segundo a qual as três pirâmides de Gizeh teriam sido os celeiros construidos por José para neles conservar os cereais que recebia dos egípcios durante os sete anos de abundância, e que lhes vendia durante os sete anos de escassez. Os califas muçulmanos e os sultões do Egipto acreditaram na existência de tesoiros nas pirâmides, e Mamum, no século IX da nossa era, empreendeu trabalhos para os descobrir.

Os modernos, como os antigos, têm-se entregado a numerosas e estranhas conjecturas. Fialin de Persigny, na sua obra *Do destino e da utilidade permanente das pirâmides do Egipto* (1843) viu nêsses monumentos diques destinados a susterem as areias que o vento acarreta. Outros fizeram deles observatórios; outros, o símbolo de certas crenças místicas, etc. É certo, em todo o caso, que as pirâmides do Egipto eram túmulos e que a maior parte delas encerram ainda os sarcófagos, consoante as últimas pesquizas demonstraram, apresentando múmias de faraós á luz do sol.

Em face disto, verifica-se que as pirâmides de Gizeh constituem o mais belo documento das glórias dos poderosos soberanos egípcios. Que a grande pirâmide nos fale do passado, ainda vá; mas que tenha também o condão de nos prevêr o futuro, é que não é já para os nossos dias.

Pois, o persistente David Davidson é que não se preocupa com isto, e continúa imperturbavelmente nas suas profecias, baseando-se sempre na linguagem científica da pirâmide faraónica.

Diz êle, agora que a era de atribulações que atravessamos durará ainda 16 anos, e que só em 1953 despontará a alva radiosa de uma nova era de felicidade, na qual se produzirá um renascimento espiritual do Mundo que será associado a um amplo sentido de justiça complementado pela mais apreciável prosperidade económica.

Boas contas deita o ilustre especialista de profecias nestes tempos de incredulidade que vão correndo...

Enfim, tenhamos esperança porque dezasseis anos depressa se passam...

A magnífica vista da Pirâmide de Chéops

D. Pedro V — quadro de Rodrigues

REALEZA E BONDADE

D. Pedro V e o Curso Superior de Letras

Uma notável carta do saüdoso soberano

Por carta de lei de 8 de Junho de 1859 foi criado o Curso Superior de Letras, sendo encarregada a Academia das Ciências de o regulamentar. Deve-se esta prestimosa instituição ao rei D. Pedro V que, sem auxílio dos orientadores e conselheiros, desejou deixar alguma coisa de valioso a perpetuar a sua curta passagem por êste Mundo.

Um belo dia, enviou o seguinte carta ao ministro da Fazenda, António José de Ávila (marquês de Ávila e Bolama) expondo claramente o pensamento que ditara a criação das primeiras três cadeiras do Curso Superior de Letras:

Sr. ministro. — Penso que o vèdor da minha fazenda lhe comunicou já a minha resolução relativamente à cessão que entendi fazer de parte da minha dotação.

Destinei nestes dois últimos anos parte dêsse donativo a objectos de utilidade pública que, pelos seus resultados, me compensassem o sacrifício que faço. A êste direito não renuncio êste ano: vivemos mais ou menos pelo nome, e o nome vive pelas obras.

Pareceu-me sempre que, de todos os *deficits* o mais lamentável é o do necessário. Julguei que não seria aumentar sensivelmente as angústias do fisco empregar em atenuar um tal *deficit*, o que aliás houvera empregado o Parlamento.

Era universalmente rèclamada a criação de cursos desenvolvidos de literatura e de história que servissem de complemento aos secos resumos dessas disciplinas, decorados nos nossos liceus, e que, ao mesmo tempo, fôssem preparação para o estudo das ciências que tão divorciadas andam com as letras. Decidi-me a realizá-la.

Demandava resolução o escolher de tantas necessidades, que entre si disputam a impreteribilidade, uma que se antepusesse às outras. Não digo que, por êsse lado, me encontrasse eu com a mais urgente de tôdas, mas penso que não fiz mal em dar corpo às vozes, que há muito reclamam isto que poderia ser princípio de reformação para o ensino superior. Não sei se muitos se preocupam com o estado actual e com o futuro dêste último: eu muito; vejo-o decaíndo diàriamente, vejo que se lhe secaram as raízes, e que assim se lhe foi a virtude prolífica.

Considerada a questão por êsse lado, talvez que até certo ponto eu fôsse agravar o mal. Vejo-me, porém, constrangido a pensar que muito longe vem ainda essa reforma harmónica e pausada, pela qual espera a preguiça. Entretanto, a excrescência que fui criar pode concorrer para exigir daquêles que fazem mais, e meditam menos, o adiantamento, embora irregular, dessa mesma obra.

Há muito tempo que os homens competentes, investidos mesmo com o mandato popular, quer dizer de muita ousadia e muita timidez, põem o dedo nas chagas da instrução pública; mas não sei porque sina das coisas do espírito, estas mais servem para alentar disputas, que para darem frutos.

A faculdade de letras aí a deixo esboçada, incompleta, é verdade, mas tal que já não são capazes de deixar de ma completar. Ponho-a a bater-lhes à porta, e tão de rijo o há de ela fazer, que não hão de poder menos de abrir-lha.

Pensei um momento que em tudo isto havia, da minha parte, muito pouca lógica, e que, fôsse como fôsse, não era eu quem devia fazê-lo — eu que não queria a faculdade emquanto não viesse a escola. Reconheci, porém, que, contradizendo-me aparentemente, indo no rasto de uma tendência que eu mais de uma vez censurei — a de ampliar irreflètidamente o ensino superior — eu conseguia mais fàcilmente aproximar-me do ideal que sonho para a instrução, do que se me tivesse atrelado às minhas ideias.

Dirão alguns que o curso de literatura antiga se não concebe sem uma regeneração radical do ensino das línguas mortas, pois que sem elas se não percebe o sabor particular dos diversos escritos, em cujo comércio tem de ir-se apurando o gôsto da juventade.

Da cadeira de literatura moderna, a que se nega a regalia de poder dar preceitos, estou vendo enojar-se a austera e pedantesca dignidade das nossas velhas aulas de retórica. E a cadeira de história a alguns parecerá lançada no ar, mal definida na sua natureza, insuficiente para a vastidão da matéria, e pequena para o berço de um estudo quási novo entre nós. Talvez mesmo haja quem as considere tôdas três supérfluas, como se nas escolas secundárias tantas e tantas disciplinas não servissem mais para entreter utilmente o tempo, e para desbastar o espírito, que que para deixar nêle noções exactas e distintas das coisas.

Não contrariei nenhuma destas considerações, que a mim mesmo fiz, menos a última, que é absurda. Quis ter fundamento com que pudesse dizer a quem eu os apresentasse: — faça melhor.

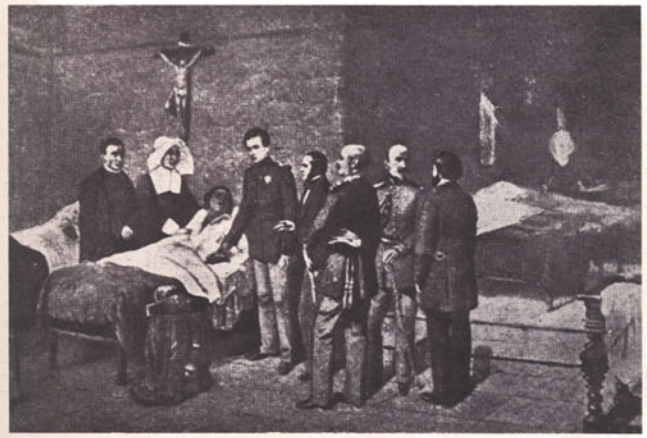
Eu poderia ter olhado mais compassivamente para o grego e para o latim, e poderia ter pensado em preparar nas escolas secundárias uma base mais segura, em que assentasse o ensino das novas doutrinas que vão invadir e repartir os domínios do classicismo. Mas pensei que me era impossível obrar assim, sem desacomodar um pessoal que, desde êsse momento, deixaria de ter tido na conta de tão competente quanto até ali o fôra. Pensei que, obrando assim, tarde veria a faculdade de letras, e que, criando-a eu, alcançava as duas coisas — a faculdade, dede já, e mais tarde a reforma dos liceus...

Não quero que se continue a dizer, sem que do discurso se passasse jámais à acção, que não é possível escusar por mais tempo o acrescentamento da literatura e da história. Quero que se possa dizer que tanto se falou nêle que houve um indiscreto que, tomando a sério tal pedido, o realizou, quando nada estava ainda preparado para êle.

Quero que em vez duma necessidade que pareça lícito adiar, a desordem do momento venha pleitear a causa dessa mesma necessidade, que ela pode contribuir para tornar mais palpável. E por fim de contas, mais uma coisa sem base não seria grande mal ao lado de tantas que se insinuaram no sistema de instrução pública em Portugal, e que para aí estão sem fazer bem nem mal.

Virão talvez as pretensões universitárias, e aqui confesso que talvez com algum fundamento, censurar a escolha de Lisboa para séde das cadeiras de literatura e de história. As escolas colocam-se aonde melhor recrutem o seu magistério e melhor possam servir o desenvolvimento intelectual dos povos. Nelas não vejo sómente as relações estreitas, que as prendem com uma lei de habilitações para as funções públicas; os cursos que, para uns hão de vir a ser obrigatórios, quero-os livres para outros, — que nenhuns outros estão nem tão fácil, nem tão útilmente ao alcance dos entendimentos menos cultivados.

D. Pedro V visitando os hospitais por ocasião da terrível epidemia da febre amarela



D. Pedro V

Algumas dificuldades se me apresentam, quanto ao provimento das cadeiras em questão.

Por uma parte, receei que os homens que, pelas suas obras, para elas se nomeiam, não aceitassem a nomeação directa. Por outra, não espero ser mais feliz no concurso em que ficariam contendendo as mediocridades.

A vida um pouco livre da nossa literatura não se casa com a sujeição do magistério, e demais tenho visto que aquêles para quem o concurso seria um brinco, despresam aquilo em que não encontram glória.

Antes que recorressemos ao segundo meio, que traz consigo decepções e desagrados, eu quisera que tentássemos o primeiro.

Lisboa, 31 de Outubro de 1858.

D. PEDRO.

Se outros documentos não existissem — e muitos — a provar a lúcida inteligência, o nobre carácter e a grande bondade dêste jóven rei, a carta que acima reproduzimos bastaria para demonstrar tão excelsas qualidades.

O Curso Superior de Letras compreendia três cadeiras — História pátria, Literatura antiga e Literatura moderna. Para as ocupar, lembrou-se D. Pedro V dum triunvirato de alta categoria: Alexandre Herculano, António Feliciano de Castilho e Eduardo Viale, mas apenas êste último se dignou aceitar o encargo.

No dia 14 de Janeiro de 1861 realizou-se a abertura solene do Curso, não tendo sido dado vê-la o seu saüdoso fundador que falecera meses antes.

Nessa altura, Rebelo da Silva pronunciou um notável discurso em que, exaltando a obra do soberano, erguia bem alto as suas excelsas virtudes:

"Escolas para a infância, mais adiante hospícios para a puerícia enferma e desamparada, logo depois, a dotação do Curso Superior de Letras, instituído com o intento de nos eximir de sermos na Europa os únicos desherdados do estudo especial das ciências históricas e filosóficas, assim assimilam em cinco anos de govêrno a nobreza do espírito e a pureza de sentimentos, que ditaram a aplicação dêstes largos e aproveitados subsídios».

E assim se perpetuou a vida efémera dêste desventurado rei.

A VERDADEIRA ARTE

Consêrto da rêde, quadro de João Reis

O quadro «Consêrto da rêde», de João Reis, exposto no «Salon» de Paris, obteve a medalha de prata, destacando-se assim entre as centenas de obras de arte que afluíram de todos os pontos da Europa àquela famosa exposição seleccionadora.

O ilustre pintor, honrando-se, honrou também Portugal.

A propósito dêste quadro, transcrevemos um trecho da apreciação do considerado crítico de arte, Emile Langlade, no «Courrier du Pas de Calais»:

«João Reis, artista português, filho do célebre professor da Escola de Belas Artes de Lisboa, Carlos Reis, enviou uma tela intitulada «Le filet rompu», em que um pescador conserta os estragos que a rêde apresenta, conversando com uma mulher que, atraz dêle, o escuta, apoiada numa canastra do peixe. Tem a rude expressão dêsses pescadores que, nas costas de Portugal, vão para o mar espelhante, pescar a sardinha.

«Esta composição de João Reis é animada e cheia de côr local que muito apreciamos, e muito mais talvez pelo facto de sermos estrangeiros. Gostamos tanto dêstes quadros de costumes, que sentimos sempre grande prazer em os contemplar. Além disso, *Le filet rompu* vem dum País que, no curso da História, não é contado entre os nossos inimigos, e com o qual temos permutado relações fraternais. Os artistas portugueses, em França, merecem, quando têm talento, como Carlos e João Reis, a atenção da Imprensa...»

E assim se seguiu a crítica nos vários jornais franceses, chegando o «Figaro» a afirmar que o quadro «Le filet rompu», de João Reis, lembrava a pintura italiana de 1900».

Para coroar a obra, o Real Instituto de Arte de Glasgow, da Escócia convidou João Reis a apresentar o seu quadro na exposição que ali vai realizar-se, e é exclusivamente constituída pelos quadros com medalhas no «Salon» dêste ano. O transporte e o seguro são pagos pelo referido Instituto. Devemos salientar que, em face da grande nomeada desta instituïção artística, não só em Inglaterra, mas em todo o Mundo, se foi uma honra para João Reis a medalha do «Salon», não é menos honroso um convite em tais circunstâncias.

Valha-nos isso, ao menos. Quando em Portugal parece estar perdido o gôsto pela boa pintura, aparece o estrangeiro a dar provas públicas e eloqüentes da sua admiração pelas obras de arte que o gôsto português não soube ou não quís apreciar devidamente.

Contaram-nos há tempos a história dum pintor que, sendo menos que medíocre, se decidiu, um dia, a fazer uma digressão através dos principais museus da Europa, a fim de colher ensinamentos que lhe faltavam. Andou, andou, calcorreou e tornou a colcorrear, sempre com um sorriso irónico nos lábios, visto considerar-se muito superior a todos os grandes mestres que observara. Do Prado, nada trouxera que merecesse referência especial. Velazquez não tinha boa execução, e o Greco, além de astigmata, dava também a impressão de sofrer de miopia, pois que todos os seus quadros, a seu vêr, eram curtos de vista. O Goya e o Zurbarán nada valiam também.

O pintor João Reis

No Louvre, nada encontrou que merecesse a sua atenção. Qual Rubens, nem qual Rembrandt!... Se, para um, só as mulheres adiposas constituíam modêlos apreciáveis, para o outro era necessário assestar-lhe uma lâmpada eléctrica, a fim de poder vêr-se alguma coisa naquela escuridão em que tôdas as suas telas se encontram envolvidas. Na Itália nada viu, igualmente, digno de registo especial. Rafael Sanzio, Miguel Angelo, Andrea del Sarto pintaram umas coisas antiquadas que envergonhariam os seus autores, se lhes fôsse dado voltarem hoje ao Mundo. O próprio Vinci levou tôda a sua vida a pintar cabeças de Giocconda que foi colocando, depois, em tôdas as figuras que pintava, fôssem de homens ou de mulheres!

Não, não valia a pena perder tempo com essas velharias. Quando tôda a gente lhe falava nessas maravilhas de arte, êle foi vê-las, de perto, sondá-las, cheirá-las, auscultá-las, interrogá-las — e elas nada lhe disseram de novo!

Vai daí, o desiludido artista, tendo deparado com um garoto a garatujar, a carvão, na parede caiada dum muro, uma figura obcena, bateu na testa com a satisfação dum Arquimedes, e berrou aos quatro ventos o seu triunfal *Eurecka!*

Achara a verdadeira Escola da Arte no atrevimento dum garoto mal-educado, que o menos que merecia era um puxão de orelhas.

Esta Escola, pelo visto, tem progredido a tal ponto que, açambarcando tôdas as atenções, não deixa margem para se apreciar devidamente qualquer verdadeira obra de arte que apareça.

Daí não terem dado pelo quadro «Consêrto da rêde», de João Reis, e por outros mais que, felizmente, vão surgindo.

Ainda bem que a tal escola do petiz malcriado não teve a expansão que muitos desejariam nos países que dão leis na Arte verdadeira e intangível, antes premeiam os belos quadros, como o «Salon» de Paris fez, e os expõem com admiração crescente como o Real Instituto de Arte de Glasgow acaba de demonstrar.

GOMES MONTEIRO.

A ÚNICA VERDADE

Aurora Jardim

O gôsto literário, na sua evolução, baniu o subjectivismo exagerado, êsse velho devaneio que às obras de arte roubava a verdade da Vida, fonte perene de beleza.

Em literatura só interessa o livro que consegue reproduzir a Vida sem a deformar, e, assim, dentro dela cabem as païsagens internas e externas, païsagens que se abraçam e se completam: as primeiras contêm as montanhas e planícies da alma, por sôbre as quais o sol do sonho costuma correr quási sempre ao lado das desilusões; as segundas oferecem outros horizontes, em que o olhar atento se fixa mais à vontade e onde o artista surpreende a côr e o movimento que aformosearão a sua obra.

O romance, através das suas descrições e diálogos, fixa, de fórma indelével, as verdades internas e externas, e daí o seu magnífico triunfo. É, por assim dizer, o melhor retrato da Vida: nêle tudo palpita como sentimento e tudo entusiasma como realidade existente fora do "eu". Se a preocupação moral ou social predomina, logo surge o romance de tese, o mais belo e proveitoso.

"Cristal Embaciado", da autoria da notável escritora sr.ª D. Aurora Jardim, pertence, sem dúvida, à esplêndida categoria dos romances de tese, e eis o motivo do seu grande êxito literário.

A ilustre prosadora, no domínio pleno dum formosíssimo talento, estudou pacientemente as suas personagens, e sem precipitações conseguiu obter em tôdas as páginas do seu belo livro um equilíbrio absoluto. A acção nunca afrouxa; as personagens aparecem-nos nìtidamente desenhadas em traço firme, o que nos permite enxergar, sem o menor esfôrço, as suas figuras físicas e compreender as paixões que as cercam. A descrição, feita detalhadamente, revela o grande espírito de observação da autora de "Cristal Embaciado", e o leitor, logo nas primeiras páginas do livro, surpreende aquêle combóio em "marcha trepidante", a caminho da cidade, onde um marido déspota e infiel se distrái, longe da espôsa e do filho, numa destas comuns e desvairadas aventuras, quási afronta feia ao amor sereno e digno de Mariclara.

É assim, em opulento descritivo, que a distinta escritora nos pormenoriza a viagem: "O combóio continua a sua marcha trepidante — agitado *mecano* para filhos de gigantes brincarem. Ferros rangem sôbre ferros. Hà rodas dentadas e reentrâncias que mùtuamente, se beijam na engrenagem da velocidade. As correias de transmissão abraçam-se convulsas; carvão é engulido pela fornalha insaciável; os fogueiros, transformados em máquinas; suam e não pensam; têm as pás a vibração rítmica que vai dos nervos humanos ao rebordo escaldante; a água ferve e evapora-se em silvo ameaçador; movem-se alavancas suadamente rumorosas; estão de atalaia os travões.

"O calor é flagelo, a sêde cria rugosidades. Giram incansàvelmente as rodas; as antênas duns vagões tocam nas antênas dos outros, levando-os sôbre os dois fios polidos, na ansiosa vertigem da distância transformada em íman.

"Passam as árvores em sentido contrário: cabelos esparsos e gestos de loucura. Ao longe, rebanhos ondulantes são flocos de vida animando a païsagem e os choupos gemem badaladas de misteriosas lendas de amor.

"Hà uma carruagem mais perfumada do que as outras. É aquela. Já conversam como inimigos; ela fumando, êle contemplando.

"Chega o empregado que vem fazer buraquinhos nos bilhetes e exigir tantos documentos como para um concurso ou para um óbito. Volumoso, trasbordante, repete as frases cerimoniosas do costume.

"Vês aquêle homenzito ali ao canto, muito fechado num mutismo rebarbativo e árido? Pois está morrendo por entabolar conversa seja com quem fôr. É pequeno, calvo, estrábico, o queixo recua e ameaça fugir-lhe, tem o fato coçado e a carteira quási vazia. Um alcance às costas e a interrogação do futuro eriçado de angústia. Exagera o seu mal porque o sente: sabe qu é vesgo, sujo, miserável, desprezado — é por isso que toma aquêle ar hermético, com um *tank* que o blindasse contra possíveis curiosidades e descobertas.

"Na sua frente vai uma senhora, com restos de felicidade, isto é, restos de beleza — abundante e profusamente pintada: cabelos esverdeados, lábios moles mas rubros, olhos *Kohl* e alcoolizados, unhas de assassina, vários queixos, carnes desalentadas e buço pertinazmente a reaparecer. De sorriso arruïnado, para lá dos cinqüenta, nunca terá mais de trinta. Foi amada e chorou de paixão — hoje é um farrapo que, ao ver-se ao espelho, quási grita de revolta e acaba por soluçar. Não tem família, não tem ninguém".

O que mais nos entusiasma em "Cristal Embaciado" é o facto da sr.ª D. Aurora Jardim se revelar, em prosa sugestiva, romancista dotada de notabilíssima penetração psicológica e excepcional poder de observação. Rodrigo Souselas, homem muito viajado, mas doentiamente perverso, está estudado magistralmente; é personagem apresentada com rigorosa verdade, e, por isso, nunca sai da mesma unidade moral.

D. Aurora Jardim não escreve romance femininamente piegas: compreendendo a moderna função da literatura, para a qual não há temas mais próprios ou menos próprios, quis e pôde realizar uma obra palpitante de beleza sincera. A tese do romance, veladamente exposta, descobre-a o leitor atento e logo se encanta pelo que ela tem de profundamente moral: no caminho da vida, às vezes o coração da mulher honesta fraqueja e sucede salvá-lo do pecado o amor maternal. Mariclara ama o marido, com amor leal; Rodrigo procura sensações novas... Mariclara revolta-se ante as cínicas resoluções de Rodrigo, e, um dia, encontra em Zemko o homem fatal, o homem que domina brutalmente os sentidos da mulher. O olhar de Zemko hipnotiza-a, mas a sua alma, cristal prestes a embaciar-se, busca refúgio salvador na comovente ternura com que aperta ao peito o filho pequenino, flor de maravilha a amparar-lhe todos os arrebatamentos passionais.

A figura de Jorge impõe-se por um afecto profundo, mas tímido. A timidez dos homens, em geral, é para as mulheres qualquer coisa de semelhante a um triste e frio dia de inverno.

Quanto talento é necessário para escrever um bom romance!

E como êle se destaca nos que derrancam o pouco apetite que ainda conservamos!

D. Aurora Jardim possue o segrêdo do diálogo e a sua prosa encanta porque se mostra sempre diáfana e elegante, correcta e colorida. "Cristal Embaciado" pertence à categoria dos poucos livros que se lêem dum só fôlego e se guardam carinhosamente na estante. Livro que dignifica a mulher, "Cristal Embaciado" fica na literatura feminina como jóia de subido valor, e a sua leitura recomenda-se a todos que presam as mais puras manifestações da Arte.

MAGNUS BERGSTRÖM.

NA VASTIDÃO OCEANICA

Adeus a S. Tiago ...O Paraíso!...

Abril, 23.

Que deslumbrante filme, o da estrada da Praia a Santa Catarina! É a terceira vez que a percorro, em arroubamentos de emoção e êxtasis contemplativos.

O cenário desdobra-se por largas horas; ressacas de penedia e ondas de verdura alternam panorâmicamente, em assombros de côr, como de uma terra que acabasse de nascer, e ainda escorressem tintas das mãos de luz do Criador.

O automóvel, arfante, despenha-se dos morros atormentados às várzeas remanҫosas, onde cantam as ribeiras, trepa impetuosamente ingremes encostas até aos picos altaneiros, corre pelas vastas achadas, desliza pelas fajãs deliciosas, passa pequenos povoados, perdidos no descampad , atravessa pontões sôbre que se debruçam ramarias, e segue, sempre veloz, por montes e vales, sob a explosão magnificente do sol e os surtos de neblina que velam a paisagem de todos os cromatismos esvaecentes do sonho.

Além de Santa Catarina, paramos junto dum casal, à sombra de acácias.

Não tarda que chegue uma cavalgada; à frente Vasco, o feitor preto, em grande gala, de capacete branco e fato de linho crú...

Descemos por um caminho, cortado no flanco da colina — difícil, mas breve.

Vista do alto, entre espessuras de floresta, a *Casa da Boa Entrada*, tôda alvura, ressai, aliciadoramente. Sente-se já um rumor de águas, que brilham na vegetação luxuriante. Acode à imaginação a ideia do Paraíso...

Desmontando, entramos no pátio, onde nos recebem D. Branca e D. Margarida, comproprietárias da Fazenda.

Feitos os cumprimentos, saímos para o terraço, que domina um pomar, onde laranjeiras rescendem. Sôbre o portal, uma parreira; ao lado, um jardinzinho todo em flor.

Sá Cardoso, Vitorino Guimarãis, Cortez dos Santos e eu somos condecorados com cravos rutilantes; Rodrigo Carvalhal, filho de D. Branca, que nos trouxe no seu automóvel, com um jasmim do Cabo.

A amabilidade das senhoras logo nos prende no mais grato convívio; a sua educação esmeradíssima vai proporcionar-nos horas repousantes de trato inesquecível.

Mas, sem querer, alheio-me da conversação; a floresta prende o meu olhar, e, não longe, há uma árvore como nunca vi, projectando o seu grande vulto no céu. Que árvore é aquela que nos chama?

Só, entro na mata, vadeio a ribeira, subo...

Que poilão gigante! Não há, decerto, em Cabo Verde, árvore que se lhe compare, em tamanho e vigor. Debaixo das suas ramarias caberiam dez carvalhos da Beira...

Converso com um velho preto, Manuel da Rosa, sôbre os cafesais e a doença que os está devastando. Seguimos pelas terras, cultivadas de cana e mandioca, até às ruínas da casa senhorial de Bezerra. Quem é êste Bezerra? Conta-me Manuel que êle se defendeu aqui, no seu solar, com artilharia, e foi aprisionado e decapitado. É uma lenda?

Depois são infindáveis histórias, que a imaginação africana, poderosa e simples, tece sombriamente ao inverosímil trama da fulgente fantasia promigénia.

Já a noite desce. Sinto um tropel: no crepúsculo galopam cavalos, montados por pretinhos núS... Os centauros do bosque!

Abril, 24.

A *Boa Entrada* é cercada de montes: o que lhe dá o próprio nome, e Gil Bispo, Chororó e Cabral; divisa-se, ao fundo, a serra da Malagueta. Mas a ribeira que a atravessa, corre para leste, e abre uma brecha para o Oceano.

Tôda a manhã a levamos *charlando*... Ah! bem diferente esta conversa das nossas conversas da Praia! Mesmo quando falamos de política, o tom não é o mesmo. Não se duvide: a Mulher é o principal elemento da Civilização...

D. Margarida, solteira, vive habitualmente aqui. Calcule-se como, com a sua bondade e a sua ilustração, esta freirinha da *Boa Entrada* exerce neste meio missão de benemerência: a doçura das suas palavras, o seu austero porte, repassado de enternecimento pelos humildes, pobres e desvalidos, que prestígio de lusitanismo espalham! Merece adoração — e não direi veneração, porque é muito nova ainda.

Eu não tenho a guardar segrêdo — porque D. Margarida é a simplicidade em pessôa, de candura perturbante, como uma criança de trinta anos... Engraçou comigo, adivinhando em mim um coração fraterno, que a envolverá de emotividade, neste isolamento; quere que sejamêmos, juntos, uma trepadeira que lhe recorde a passagem dos exilados: são umas sementes lindas, como de contas coloridas, variegadas e lustrosas.

Ficam no jardinzinho, perto da parreira: vingarão? florirá em saüdade o nosso sonho de primavera?

E traz-me um fruto esquisito — um jambo, uma maçãzinha do Paraíso, córada como o seu rôsto de europeia, aveludado pelo sol dos trópicos.

E nem me lembra sequer da tentação de Eva e da serpente bíblica; cômo àvidamente: sabe-me a mel e a rosas!

Entonteço, desvairo... E faço versos, pela primeira vez — aos 45 anos!

O jambo — não o esqueçam os velhos que visitarem Cabo Verde! Recomendo-lhes, todavia, que façam como eu: — não publiquem os versos...

Ao jantar, Cortez dos Santos, que é o meu companheiro de eleição, brinda por meu filho José, que lá anda cursando o seu Direito em Lisboa, e faz hoje vinte anos.

Vinte anos! e ha verdadeira comoção nas saudações que dirigem ao querido filho, os bons amigos... Improviza-se um serão festivo: D. Margarida toca ao piano, com uma virtuosidade de artista; o ritmo musical une-se ao pulsar vibrante do seu coração.

Abril, 25.

Partiremos ámanhã. Aqui o exílio ser-me-ia mais dôce. Este abençoado torrão é uma maravilha; foi, decerto, a estância de recreio do valoroso major Carvalhal, que tantos serviços prestou á sua pátria em Cabo Verde: deve-lhe muito o desenvolvimento da agricultura em S. Tiago, onde criou várias fazendas.

Esta propriedade começa nos visos dos montes da Bôa Entrada e de Gil Bispo: a ribeira que a atravessa nasce no gretão que os separa.

Tomo pela rua ocidental da margem esquerda.

A água da levada murmura nas corgas, assombriadas de cafetal. Os canaviais, debruçam-se sôbre o leito da ribeira, entrelaçados de lakakan e de lantuna.

As culturas sobem pelas lombas; as papaeiras, em fila, tentam a escalada dos cimos.

O sol arde! Acoito-me num macisso de laranjeiras, que se confundem, alto, num docel: são sete irmãs que aconchegam um tabernáculo de amor.

O coração da floresta estremece, sob o céu que desmaia. Enlanguesce o arôma das seivas nas mais cerradas ramarias, feridas dos dardos do sol, como de línguas de fogo violadoras, deslizando das comas ondeantes até ás raizes que se soterram no húmus fecundante, quente e húmido, sobreexcitado pela exaltação genesíaca.

Ouço agitar a água na reprêsa, como de alguem que se debate, aflictamente.

Côrro pressuroso, mas paro, ao ver saltar na areia uma rapariga negra, que acaba de banhar-se. Que formas perfeitas!

Escondo-me atraz duma árvore, para lhe não fazer vergonha. Está de pé, sacudindo os braços, a enxugar-se ao sol. E sente-me...

O seu primeiro impulso é de pudor: acocora-se, voltando-me as costas; arrasta-se para as suas roupas, que estão longe.

De repente, ergue-se, volta-se, e, toda núa, caminha para mim, com a segurança e majestade duma deusa do Olimpo.

Confuso, vou fugir? Mas ela corta-me a retirada, rindo, e lança-se a uma arranca baixa da árvore a que me abrigo; suspende-se, e balouça a sua nudez gloriosa!

É a Vénus Negra que me tenta? Mas não a acompanha Cupido: para outra se guarda meu coração...

A quinhentos metros da levada, fica a Nascente Bela, um golfão que rebenta de rocais; ainda nas maiores sécas, grande caudal que formando, primeiro, uma fonte, deriva em arroio cristalino, para o leito da ribeira.

No tronco da amendoeira que se espelha nas águas, e cujas raizes finas são cabelos de hamadriade, mergulhados na Fonte, leio uma inscrição: — *Assim amo...*

Imprevista, extranha legenda lírica!

E como o dístico amoroso anima o bosque sagrado e ergue na minha alma um tumulto de enlouquecidos desejos! A brisa passa numa suave carícia, e é como um arrepio de sensualidade o marulho brando que vai ressoando, ansiante.

Mas o sôpro que afaga o viço crepitante das vegetações reforça o hausto, sequioso de verdura, agita-se, constrange-se, e rastejando pelos pedregais e pelas reigadas aflorantes, redemoinha, estreita os troncos, e, a um arranco súbito, ascendendo furiosamente, toda a floresta geme... Rolam vagalhões de frondes, rumorosas cataratas de oiro!

As formas lisas dos fustes novos dão a sensação de macios corpos; a exalação errante das florações é como o perfume ardente da carne núbil: a sua violência dá vertigens.

Vejo o amoroso da Fonte, numa alucinação...

Ó querida, o Sol te chama — o Sol e a minha voz! Porque não vens?

Ainda dormes? Ou, já desperta, passeias no eirado, pensando em mim?

Nem o mundo nem os céus bastariam para conter todo o meu sonho, e êle cabe agora todo no teu peito. Não vale a tua posse mais que o mundo e os céus?

Espelha-se nos meus olhos profundos a tua imagem, e é através do seu encantamento que êles vêem a Floresta e a Vida.

Envolve-me uma imensa palpitação de Infinito... E é como se fôsses presente!

Oiço a tua voz dulcíssima; e a folhagem buliçosa, ondeante, é núncia feliz do ritmo alvoroçante dos teus passos.

A tua beleza é luz radiante! Já os teus braços se estendem para os meus; o teu rosto ao meu rosto se inclina: beijo a tua bôca, e a tua face empalidece, ao relâmpago da volúpia, como num transe. Deito-te no meu colo: embale-te a música desta solidão — o silêncio augusto!

Aperto nas minhas mãos delirantes os teus seios, pomos vedados; encho de beijos a tua garganta nua.

Arquejas! Porque vieste correndo?

Possuo-te, tôda inteira, só de olhar os teus flancos, rijas, frescas sépalas, em que a corola divina abre à amorosa revelação da voluptuosidade...

Esta hora não foge: o sol parou! Como há-de a Terra envelhecer? Como envelheceremos nós?

E a floresta adensa-se; felinos monstros rondam na claridade lunar.

Não é um leão que ruge? E são belas flores purpurinas que estrelam o relvado que calcamos, ou é rútilo sangue que a sua ferocidade espalhou, em ânsia selvagem?

Hora eterna! Só são eternos a Morte e o Amor...

Assim amo!

É insaciável o meu desejo; tenho sempre fome e sêde de ti!

E, suspirante e dolorida, levo-te por clareiras que não conheces ainda.

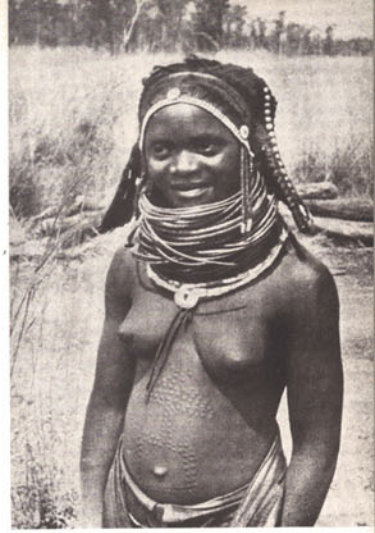
A selva, que há pouco parecia incendiada, ondeia docemente; a própria sombra, enlanguecida, debruça-se levemente sôbre as águas.

De cansada, as flores que colhemos, tombam das tuas mãos... Senta te no frouxel dêste ninho: as Sete Irmãs desfolham sôbre ti brancas pétalas nupciais!

Oiço uma voz, voz indefinível que tudo abala e transfigura, eterna renovadora, tríplo mistério fechado em crepúsculo — a voz da Vida, do Amor e da Morte.

Olha o Sol, ó querida; êle canta, no céu sereno e límpido, o epitalâmio religioso da Paixão, que me trouxe a dádiva suprema — a virgindade do teu corpo e da tua alma!

As boas fadas da Boa Entrada



E gravei com raios do sol na lisa casca da amendoeira anunciante, da amendoeira tutelar: — *Assim amo* abrindo o carme imperecível que votarei à sua Mocidade em flor.

Caminhámos ainda... Abraçámo-nos ainda... E, sôbre a alegre exultação dos nossos corações, passou sete vezes o beijo fugitivo da Morte.

E foi, enfim, o repouso profundo, abismado em esplendor...

* * *

A janela do meu quarto dá para nascente...

A lua estende sôbre a tristeza das coisas o seu pálido clarão, como um manto inconsútil.

Procuro fixar na retina o quadro dêste alvorecer de tantas recordações: oiço o gorgolejar da Fonte, na fragrância matutina; a gadíola acorda, e canta! A ribeira orla de prata a espessura verde-negro da Floresta quieta e sombria. Os cisnes sulcam o lago com as suas lentas remiges...

Vou partir!

Como um lírio virginal, desabrocha a Saüdade, deusa de bôca de oiro e olhar taciturno.

Um indizível mixto de dor e de alvorôço me enche de perturbação e ansiedade.

Sinto alguém que me espera, de joelhos, orante: — que Deus me faça mais puro e mais forte!

Por um rasgão fulvo da montanha dilata-se o horisonte, intérmino...

Mar! Mar! Mar! — clamo.

E perde-se a minha voz, como uma canção sidéria, na vastidão oceânica, sob o velário opálico da bruma...

LOPES D'OLIVEIRA.

Armas de Vila Real

ARMAS DPORTUGAL

A DIVISA DO «ALLEO»

E O PODER DOS JUIZES NA "TERRA DOS PANOIAS"

As Armas de Vila Real de Panoias — como se designavam antigamente, as de Vila Real de Trás-os-Montes como é vulgarmente conhecida, e da Cidade de Vila Real como lhe chamam agora — necessitam dum aturado estudo que não deve ser feito sem que o seu Município o solicite da Secção de Heráldica da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Em 1675, Francisco Coelho, Rei de Armas da Índia, no seu Tesouro da Nobreza, existente na Tôrre do Tombo, dá como armas de Vila Real um braço empunhando uma espada, e Inácio de Vilhena Barbosa, em 1862, no Vol. III da sua obra "As Cidades e Vilas da Monarquia Portuguesa que têm brazão de armas» dá como armas de Vila Real "uma corôa de louro, tendo ao meio escrita a palavra *alleo*, e ao lado uma espada».

Parece me que o braço com a espada tem uma certa razão de ser atendendo à letra dos seus forais que dão tais liberdades a Vila Real, tornando-a por tal forma, independente e tão radicalmente autónoma, que causa espanto.

Dá a impressão de que as terras de Panoias eram excessivamente exploradas pelos nobres e pelos senhores que exerciam justiça e que o abuso estava tão inveterado na vida normal das autoridades locais que os forais foram uns verdadeiros gritos de liberdade.

El-Rei D. Afonso III tentou fundar esta Vila, parecendo que era necessário criar naquela região um novo organismo por se tornar naturalmente dificial, disciplinar os mandantes da área conhecida por "Terras de Panoyas».

Apesar das regalias previstas no Foral dêste Rei, em 7 de Dezembro de 1272, parece que a nova Vila não tomou o desenvolvimento desejado ou não chegou mesmo a fundar-se. Morreu D. Afonso III em 1279, sucedendo-lhe seu filho D. Deniz que naturalmente pelas queixas dos habitantes da "Terra de Panoyas», procurou remediar o caso, elaborando outro foral com maiores e mais acentuadas prerrogativas em 4 de Janeiro de 1289, o qual ainda não chegou, pois que, em 24 de Fevereiro de 1293, um terceiro Foral, veio então regular a vida da nova Vila que definitivamente se fundou com quinhentos habitantes, comprometendo-se D. Deniz a construir a muralha necessária para a cercar.

É notável a forma como êste Foral dá poderes a êstes quinhentos povoadores para que tudo se fizesse como quizessem, até podiam escolher as pessoas que muito bem entendessem para aumentar o seu número.

Cada ano os habitantes de Vila Real tinham que nomear dois juizes para tôda a "Terra de Panoyas» os quais prestariam juramento nas mãos dos tabeliães.

Os habitantes de Vila Real podiam passear e caçar por tôda a "Terra de Panoyas» sem o menor obstáculo e podiam passar e vender tudo quanto lhes pertencesse pelas outras povoações sem pagarem qualquer imposto, e tinham licença de porte de armas até Bragança.

Este Foral não permitia que fôsse quem fôsse que, vindo de fora, ficasse sequer uma noite dentro da Vila, mesmo que fôsse Rico-Homem. Os Meirinhos não podiam entrar em "Terra de Panoyas», salvo se fôssem de caminho, e tudo quanto qualquer estranho dispendesse, teria que o pagar, isto é, não havia aboletamentos, nem obrigação de sustentar fôsse quem fôsse.

Túmulo de Dom Pedro de Menezes e D. Brites Coutinho na Igreja da Graça, em Santarém

Caso D. Deniz ou os seus sucessores fizessem Alcaçar em Vila Real, e portanto nomeassem A caide, êste só teria poderes no castelo para o gua dar, não tendo que intervir fôsse no que fôsse d "Terra de Panoyas», onde só mandavam os do juizes que o povo nomeasse em cada ano.

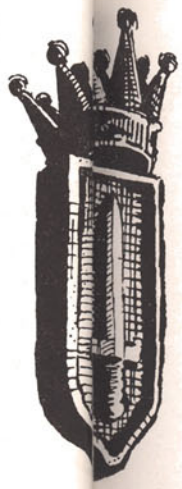
Enfim, D. Deniz doou, pelo mesmo Foral, tôda aquelas regiões aos habitantes de Vila Real, ficand tudo coutado, não permitindo que nesse Couto entrassem Meirinhos, Porteiros, Mordomos e Encouteiros, nem outra qualquer justiça onde só davam ordens os referidos dois juizes, sendo de trezentas libras a multa para qualquer autoridade de fora que tivesse a pretensão de dar ali ordens.

Os crimes que se praticassem em "Terras de Panoyas» só podiam ser julgados pelos dois juizes de Vila Real, devendo tôda a justiça ser feita dentro da Vila que diz ser a cabeça de tôda a mesma terra.

Enfim, com tudo isto não estará bem nas armas de Vila Real, um braço armado com a espada da justiça?

Em 1415, D. João I tomou Ceuta aos mouros ficando ali por Governador, D. Pedro de Menezes, filho do primeiro Conde de Viana, João Afonso Telo de Menezes e de sua mulher D. Maria Vilalobos Porto Carreiro, que era filha e herdeira da grande casa de Pedro Lourenço de Porto Carreiro, grande proprietário nas "Terras de Panoyas» a quem El-Rei D. Deniz salvaguarda todos os direitos no Foral de 24 de Fevereiro de 1293.

Após a tomada de Ceuta, D. João I teve sérias dificuldades em nomear Governador, por todos quererem voltar ao Reino. D. Pedro de Menezes, num intervalo da luta com os mouros, jogava a choca com outros cavaleiros e, no momento em que ganhava o jôgo, levantando o cajado vitorioso, e dando o grito "Alleo», que indicava a vitória, soube que ninguém queria aceitar o cargo de Governador de Ceuta que se aligurava muito perigoso. Então correu à presença de D. João I e disse que o cajado com que acabava de gritar "Alleo», manteria a moirama em respeito se fôsse nomeado Governador de Ceuta.



Palácio do Conde de Vila Real

Foi imediatamente nomeado para tão espinhoso cargo, dando-lhe D. João I o mesmo cajado por bastão.

É conhecidissimo êste facto, ficando a palavra "Alleu» como grito de guerra de todos os descendentes de D. Pedro de Menezes que repetiram esta palavra nas sepulturas, na ormentação dos seus palácios, nos fechos das abobadas, na ormentação das janelas, etc. Os descendentes de D. Pedro de Menezes, foram Condes, Marqueses e Duques de Vila Real e ainda hoje, nas ruinas do sumptuoso Palácio que possuiam em Vila Real, na ormentação das janelas, dentro duma coroa de carrascos, existe a palavra "Alleo», como repetida dezenas de vezes existe no monumental túmulo do grande guerreiro D. Pedro de Menezes, na Igreja da Graça em Santarem.

A palavra "Alleu», constituia um grito de liberdade, era um termo de direito medieval, "Alleu» ou "Franco-alleu», que se opunha ao feudalismo.

A cidade ou vila que fôsse livre, que não estivesse sujeita a um senhor que ministrasse justiça e recebesse impostos, enfim que fôsse absolutamente autónoma, estava abrangida pela significação de "Alleu».

No Algarve, ainda hoje, o descanso ou alívio se manifesta dizendo "Alleu».

Em todo o Portugal se diz também "allodio» quando nos queremos referir a uma libertação de direitos ou encargos senhoriais, é "allodial», não está foreira, está livre.

No jogo da choca era a mesma coisa. Travava-se o jogo entre dois grupos, defendendo cada um, uma entrada do Largo onde se efectuava o jogo. Atirava-se uma bola ao ar, e, correndo para um dos lados, os jogadores, munidos de pequenos cajados, tratavam de vêr se a encaminhavam para a saída guardada pelo grupo contrário. Assim continuava o jogo até que a bola seguia por uma das saídas e, então, o cajado que lhe tinha dado o último impulso era levantado ao ar e todos os do grupo vencedor gritavam "Alleu», sendo em seguida pagas as apostas.

É, pois, interessantíssimo o facto, a coincidência de ter sido adoptado pela família de D. Pedro de Menezes o grito de guerra "Alleu» por causa do facto passado em Ceuta em 1415 e ser D. Pedro de Menezes descendente de Pero Lourenço de Porto Carreiro, rico proprietário das "Terras de Panoyas», e ascendente dos Condes, Marqueses e Duques de Vila Real, quando afinal, Vila Real, pelo Foral de D. Deniz, está perfeitamente nas condições de poder usar o grito "Alleu». Ora sucede que em 1675, como já disse, Francisco Coelho, no seu "Thesouro da Nobresa», indica como armas de Vila Real, apenas o braço armado duma espada, e, em 1862, Vilhena Barbosa, inclui nas mesmas armas uma coroa de louros circundando a palavra "Alleu», pondo-lhe a espada ao lado.

Brasão da cidade de Vila Rial

Porque é que, nêste intervalo, foi pela Camara Municipal adoptada a coroa de louros e a palavra em questão?

Seria por verem na frente do Palácio condal a mesma palavra cercada duma coroa de carrascos que, julgando serem as armas locais, as adoptaram para o sêlo? Ou foi com pleno conhecimento da significação da palavra "Alleu» com referência á história da fundação da vila e das suas prerrogativas que compozeram assim as suas armas?

Fôsse como fôsse, o que é facto é que de forma alguma Vila Real deve deixar de usar a palavra "Alleu» a espada e uma coroa, não de louros, mas de carrascos, representando o sacrifício e enfim a simplicidade da sua fundação, pois foi devido ao desejo de liberdade dêste povo que essas prerrogativas lhe foram dadas.

Parece-me, porém, que devem essas armas ser ordenadas por uma forma mais heráldica como vou indicar:

De ouro com uma coroa de carrascos folhados e frutados de sua côr, enfiada por uma espada de prata empunhada por uma mão de carnação movente do pé do escudo.

Ao centro da coroa a palavra "Aleu», de vermelho.

Bandeira de um metro por lado, quarteada de verde e branco com uma fita branca e os dizeres da "Cidade de Vila Real» de negro.

Indico o campo de ouro, porque êste metal, na heráldica, significa fidelidade, constância, poder e liberdade.

Indico verde e branco para a bandeira por serem a côr e o metal das peças principais das armas.

DIAMANTINO DE MAGALHÃES.

Túmulo de Dom Pedro de Menezes na Igreja da Graça em Santarém

O sapato de luxo e o sapato modesto

Por uma tarde doirada, de sol ardente, resplandeciam de coisas lindas — que bem podiam ser encimadas pelo letreiro — Sedução — as montras ricamente ornamentadas das lojas da Baixa, numa constante ameaça para os bolsos dos enlevados transeúntes.

Numa dessas lojas, sapataria moderna, faiscante de vidros e metais, em linhas aerodinâmicas, estavam sôbre o balcão vários sapatos, de camurça, verniz e pelica, elegantes e modernos, no meio dos quais destoava um pobre sapato de cabedal castanho, fôrma antiga e já caída no ridículo, com um ar tão acanhado e humilde, que chegou a despertar o riso aos garridos companheiros.

Um dêles, alongado, esbelto, com o ar dum "dandy" em destaque, camurça negra e verniz em belos efeitos, o que mais próximo ficava do sapato desusado, julgou até morrer de náusea quando o empregado, numa verdadeira consciência de diferença de castas, os colocou quási juntos.

E falou assim:

— Afasta-te, indecente! Com essa tua pele grosseira e vil podes manchar a macieza do meu corpo elegante e gracioso! Afasta-te!

— Impossível, meu amigo! Como vê, puzeram-me aqui, e, infelizmente, nós, sapatos como sômos, não podemos movimentar-nos sem que os nossos protegidos nos levem...

— Como dizes isso!... Nós... Julgas-te então igual a mim?

— Igual? Decerto que não! Vós sois moderno, formoso, e eu sou um pobre sapato que também já tive a minha época, mas hoje ninguém me quer...

— E decerto nunca quizeram!

— Queriam-me! Mas eu era muito caro! De resto, meu amigo, nascemos para o mesmo fim! O de ser humildes criados dos servos dêsse engenho que nos criou para seu cómodo — o homem.

O sapato de camurça riu-se com um ar escarninho e, animado pela companhia elegante que o rodeava e ouvira a discussão, retorquiu:

— E dizes tu que nascemos para o mesmo fim!... pobre de ti! Que divertido és com essa ingenuidade! divertido... e caricato! Como te podes convencer de que nascemos para um fado igual?! Criados? Sim, tu, feio como és, talvez! destinas-te a calcorrear vielas escuras, nauseabundas lamas da miséria... Agora, eu?... Eu, assim distinto? O meu destino há de ser todo ventura, a pisar alcatifas macias que se vergarão ante mim, deslizando suave sôbre o solo espelhante dos salões de festa, iluminados na profusão das luzes enebriantes; a penetrar mansinho em alcovas sombriadas do mistério perfumado do amor; hei-de ouvir como discreto confidente as palavras apaixonadas dum parzinho feliz! Eu, criado?! Eu terei criados para me servirem, para cuidarem da minha toilette, enquanto tu andarás sempre atascado em porcaria! Enfim, meu caro, não nascemos para o mesmo fim, não! Eu sou sapato de luxo e tu, sapato ordinário e reles! Pff!...

O sapato de cabedal encolheu-se timidamente ante o riso sarcástico e trocista dos companheiros do vaidoso idiota, desejoso talvez de caír do balcão abaixo e desaparecer... Mas, pensando melhor, e, convencendo-se da balofa soberba do antagonista, teve um assômo de revolta, e replicou:

— E, afinal, com tôda essa vaidade, pode ser que não sejas tu, de nós dois, o mais bem fadado pela sorte!

— Insolente! — bradou, exasperado, o sapato de camurça — Terás a ousadia de pretender um palácio por habitação?

— Nem só quem vive em palácios é ditoso — respondeu cheio de ponderada fleugma o sapato modesto.

— Malcri...

— Chut! — segredaram os outros sapatos, vendo aproximar-se o caixeiro, e logo êle se calou, cobardemente desistindo de se desafrontar das palavras consideradas como um ultrage.

O empregado olhou-os um pouco desconfiado. Teria suspeitado da agitada conversa em que haviam estado envolvidos? Não sei. O certo é que lhes pegou e os levou para a montra.

Ao de camurça e seus companheiros, colocou-os bem em evidência, sôbre cintilantes prateleirinhas de metal branco, onde sua esbelteza se destacava no fundo iluminado do espelho.

O sapato impou de orgulho e, de si para si, chegou a censurar o empregado de o não colocar à frente, bem à frente, coladinho ao vidro, para que todos os olhares de louvor e admiração fôssem para êle, em primeiro lugar.

Súbito estremeceu, tão violentamente que por pouco não caía no seu suporte.

No fundo da montra, em baixo, acabavam de ser colocados o sapato de cabedal com muitos outros semelhantes, num amontoado disforme que o encheu de repulsa e terrôr.

— Céus! — murmurou, angustiado — Assim nos misturam, a nós, sapatos da alta, com êsses pares vergonhosos? Assim nos mostram juntos aos olhos dos compradores? É arrepiantemente espantoso! é bestialmente formidável! — concluiu, falando em calão como quem se preza de ser "chic".

E mais se ergueu altaneiro para bem mostrar que êle, sapato de luxo, não pertencia àquela ralé que, em baixo, se estadiava. Mas acabou por vencê-lo a curiosidade de observar a vista que os ordinários faziam e mal lhes lançou os olhos sorriu de satisfeito orgulho. É que

um grande letreiro os encimava:

— Saldo!!! 35$00 à escôlha!

De baixo, o sapato de cabedal ao vê-lo, chamou: — Pst! Estamos lançados... Veremos quem nos leva! — Cala-te — rugiu de cima o de camurça! — Pode até julgar alguém que sômos amigos! Amigos, nós?!

Pobre sapato ordinário!

O de cabedal sorriu:

— Dizem os homens, nascidos também para sortes diferentes, que pessoa alguma deve dizer: "desta água não beberei!..."

— Já te disse que te cales! Desprezo-te muito para que te possa ouvir!

Em baixo correu um murmurinho de revolta contra a soberbia que os outros aplaudiam e por certo desta vez o sapato humilde não se calaria se o empregado não o viesse buscar para uma pobre mulher que, de fóra, os estivéra contemplando.

E, enquanto êle partia confiado, o de camurça monologava:

— Bem disse eu! Lá vai! Mísera gente que lhe ha-de dar ruim sorte! Mas, eu! eu!...

E, como se fôsse adivinhado, foi comprado por um belo mancêbo, de brilhantes nos dêdos.

E lá seguiu cada qual o seu destino!...

.....

Tarde molinhenta de chuva, numa escura e feia rua mal calcetada, por onde a água gargoleja em buracos, uma baiúca triste e bafienta de ferro-velho.

Acaba de chegar um andrajoso mendigo a vender um par de sapatos que deviam ter sido talvez elegantes e distintos, mas agora deformados, sujos, tendo desaparecido todo o seu aspécto passado sob a camada de porcaria que os cobre.

O ferro-velho, avarento sórdido, regateia o prêço, e o pobre sapato infeliz palpita nas mãos enrugadas do mendigo pelo sossêgo daquele abrigo triste, onde acaba por ficar a trôco de 25 míseros tostões!

Que irrisão! Ele, que devia ter custado umas dezenas de escudos!

Enfim, o velho agarra nêle e coloca-o sôbre uma meza côxa e decrépita, onde já repousa um outro par de sapatos de cabedal, com um aspécto nobremente fatigado de trabalho.

Entreolham-se com espanto, com incredulidade.

— Tu!? — desabafa o que acaba de chegar.

— O sapato de camurça! — exclama o de cabedal, comovido com a desgraça do companheiro, que mal reconhecia.

— O sapato de camurça, sim! Felizes tempos êsses em que todos viam do que eu era feito! Tanto me orgulhei e hoje... como padeço a minha soberba!

— Fôste então, muito infeliz? — pregunta o de cabedal, encolhendo-se no seu cantinho para dar lugar ao estafado caminheiro.

— Eu te conto, meu amigo! Amigo, hoje amigo, que bebi da água que eu negava então. Mal tu saíste da loja, entrou um senhor daqueles a quem eu ardentemente desejava pertencer e deu por mim cêrca de duzentos escudos! Rejubilava eu, entre as lisonjas e as invejas dos outros sapatos! Fui-me embora, para junto dos meus companheiros que me receberam como se eu fôra o rei. Vivi então a vida que havia previsto. Subi a palácios, dancei em espelhantes salões, fui discreto assistente de amôres, viajei, conheci mundo, vivi, enfim, tôda uma vida de luzes e prazer!

Mas, ai! Um dia, o meu dôno pegou em mim, despregou-me o tacão e meteu-me dentro qualquer coisa dura que magoava muito. E, quando ia tomar um combóio que devia afastar-nos para longe dali, foi prêso... que sei eu?... Levaram no para a cadeia, revistaram-no. Por fim chegou a minha vez. Amolgaram-me, golpiaram-me, descoseram-me, e finalmente arrancaram-me aquele corpo duro que me fazia sofrêr. Fiquei num misero estado e cheio de desespero! Pertencêra a um ladrão. E já não era nem belo nem distinto!

Passado tempo deram-me a um prêso que saía... Ah! Então, eu conheci a escória das escórias, nas tabernas pisando coàgulos de vinho, nas ruas ao relento... Vivi a pior vida! Depois, certa noite, aquele que era agora o meu dôno, assaltou uma casa e, para fazer menos barulho, descalçou-me...

Pressentiram-no, fugiu sem ter tempo de me levar. Quando deram por mim, pasmaram de nôjo... Oh! que porcaria! E deitaram-me ao lixo, onde depois êsse velho me apanhou! Vê lá no que acabei. O meu orgulho morreu e eu sinto-me muito desgraçado, eu, o sapato de luxo nascido para regalo do homem! E... tu?

— Eu? — murmurou o sapato de cabedal, profundamente triste e impressionado com o que ouvira — A minha história é muito simples... Comprou-me aquela pobre mulher que viste, para dar de presente ao marido, num dia de anos. Vivia uma vida bonançosa e útil, acompanhando o meu dôno para o trabalho honrado onde ganhava o pão de cada dia. Não assisti a cênas de devassidão, mas deliciei-me com o afecto sempre forte dos dois esposos. Acompanhei-o no dia em que foi promovido a uma situação mais desafogada!

Tinha-me estimação, cuidava de mim,

mandando-me consertar se estava combalido, poupou-me, mas, um dia, deu-me a um empregado muito pobre, de quem se condoeu. E êsse infeliz, vendeu-me para comprar pão: Aqui tens a minha história!

— Tão simples! Eu fiz tudo como devia ser, pois que nós nascemos para sortes iguais! Eu, sapato de luxo, acabaria por pagar a minha altivez no opróbio e tu, sapato modesto e simples, devias colher a suprema recompensa em penhor de caridade e do bem. De nós dois, fôste tu o mais feliz!

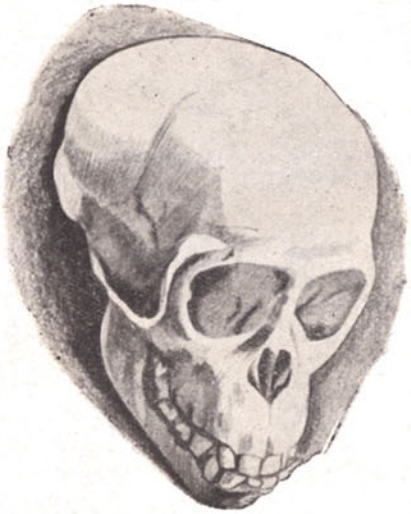
Em boa verdade, esta espécie de fábula em que, à semelhança das de Esopo, até os sapatos falam, dá uma ideia da vida da humanidade em tôdas as suas modalidades. Há homens ainda mais boçais do que sapatos, porque estes ao menos, embora fora de moda, sempre podem ter utilidade...

E, então, os vaidosos, os que tanto se assemelham aos sapatos de camurça?!

A história é sempre a mesma...

ODETTE PASSOS DE SAINT-MAURICE.

QUANDO A MORTE PAIRA...



A morte paira a cada instante e faz sempre a sua colheita, com maldade requintada.

Não leva os que a chamam, os que a desejam. Despreza os tugúrios onde a miséria é senhora e escolhe os lares felizes, como conquista predilecta.

Aos que imploram o seu gélido abraço, ela, trocista e cruel, responde:

— "Não contes comigo, tão cedo. Tu chamas-me, porque sofres, porque és infeliz ou porque és um ente caridoso e bom, profundamente humano, e queres descançar da peleja com a ingratidão.

"Mas eu não quero ser paz, não quero ser consolação, nem prémio; quero ser castigo e flagelo.

"Não vês como os homens me escolhem para punir os que erram?

"Não vês como eu côlho de preferência as flores frescas e viçosas da mocidade, como arranco dos corações ditosos a ventura, só para meu regalo?

"Não contes comigo tão cedo.

"Continua roendo a tua dor. Temos tempo."

É por isso, por essa malvadez da morte, que êste mês de Junho tivemos três notícias que a todos entristeceram, e comoveram todos os corações que pulsam, quer pertençam a nobres ou plebeus.

■

A primeira notícia cronológica, que veio emocionar a turba, foi a do desaparecimento do tablado da vida dessa prestigiosa e encantadora Jean Harlow, enlêvo do mundo inteiro, sereia que não precisava de cantar para encantar.

Quási nos custa a acreditar que êsse feixe de nervos trepidantes e inquietos esteja reduzido à eterna imobilidade, que êsse corpo gentil seja pasto dos vermes, que êsses olhos dum brilho suave e faïscante ao mesmo tempo nunca voltem a abrir-se, na tela, para os que de longe a admiravam, no quadro íntimo da sua vida privada, para os que tanto e tão de perto lhe queriam.

A morte, invejosa das seduções dessa "vamp" famosa, quis mostrar lhe que mais valia, que mais podia e que era ela a "vamp", suprema, a máxima seducção, que se exerce em cilada contínua, e que apenas lhe basta desejar, que não precisa ser correspondida nos seus apetites vampirescos, para agarrar na presa cobiçada e levá-la, e gozá-la frenèticamente, gulosamente, enquanto em sua volta choram mães, pais e filhos desolados, e noivos, desesperados e loucos, se arrepelam, em revoltas de mágoa e de saüdade, por um bem sonhado e logo perdido.

■

Depois, ainda radiante da primeira vitória da sua temporada macabra, a morte lançou seus olhares famintos sôbre um inocentinho, apenas começando a fruir a vida, e num requinte maior de cupidez quis levá lo consigo e deixar no mundo um desgraçado, a amargar o seu remorso emquanto no seu cérebro brilhar a luz do pensamento.

E serviu-se do próprio pai da sua vítima, para lha entregar, para matar.

Não há mãe que não tenha chorado por êsse inditoso e lindo João Daniel a quem um gesto tresloucado do autor dos seus dias deu a morte, que se revestiu dum conjunto de circunstâncias que tornaram mais horrendo ainda um acto que de qualquer maneira seria sempre horripilante, e que nos convenceu ainda mais da necessidade que o homem tem de fôrça de vontade, para opôr aos impulsos da sua carne fraca, que quando tocada pelo amor é de uma infinita cobardia, chegando, como agora, infelizmente com freqüência, até ao crime.

Quem pode dizer qual é o mais desgraçado, se o filho que morreu se o pai que o matou... Só Deus o sabe.

■

E, agora, o último, e ainda cruel, golpe de foice da ceifadora trágica, e que mais profundamente me sensibilizou, e me vestiu de luto, pelos estreitos laços de família que a êle me prendiam — êsse valente rapaz, soldado até à medula, êsse intrépido Afonso Gomes Barroso, morto longe da sua terra, mas morto com honra.

Disseram camaradas seus que êle era todo movimento, todo vida, e que só o entusiasmavam os assuntos militares.

Gostava que o utilizassem, que pusessem à prova o seu amor pelo exército e as suas aptidões de oficial aplicado, amigo da disciplina e da ordem.

Custava-lhe a vida comodista e despreocupada.

Gostava de actuar, mexer-se, sentir-se viver

Um militar inactivo é como um pintor sem pinceis nem tintas, um escultor sem escopro, um actor sem contrato.

Como êstes, o militar sente a nostalgia da sua acção — o campo da batalha.

O estalar da metralha soa-lhe aos ouvidas como música de glória, porque combate pela sua pátria ou por uma ideia em benefício da humanidade.

Foi o que aconteceu ao Afonso. Não sabia viver assim parado.

Pediu que o deixassem ir em missão para o lado dos seus irmãos de raça e de ideais, e lá morreu gloriosamente, sempre de cara voltada para o perigo, zombando da morte.

Era tenente, o moço alentejano, em cujas veias corria também o sangue do Cid Campeador, mas portou-se como um general, pelo aprumo e desassombro com que soube receber a morte, desafiando-a.

Mas deixá-lo, é duro, com glória e tudo, ver partir um rapaz na fôrça da vida, estuante de mocidade, e recebê-lo, de volta, os olhos fechados para sempre, quando uma estrada de triunfos se abria ainda na sua frente.

Pobre avòzinha, pobre mãe, como hão de chorá-lo!

Se êle era tão gentil de feições, se tinha uma alma tão linda, uma alma de criança num peito de lutador.

Pensando bem, e sabendo que é lei fatal, a morte, que mais dia menos dia cada um de nós tem de encetar essa viagem para regiões de onde nunca se volta, pensando bem, temos que resignar-nos, e no caso presente orgulhar-nos mesmo desta morte gloriosa que veio mais uma vez pôr em relêvo o Alentejo, berço de génios e de heróis.

MERCEDES BLASCO.

A MORTE DE JEAN HARLOW

Jean Harlow

A morte da grande vedeta cinematográfica Jean Harlow causou tristeza em todo o Mundo.

Tão nova ainda! Vinte e seis anos de idade! Acabou os seus dias nos braços de William Powell, que foi o seu melhor amigo.

Mas contemos, antes de tudo, a seguinte história:

No dia 3 de Março de 1911 nasceu uma filha aos esposos Carpenter, sendo incalculável a alegria nêsse lar. O pai ganhava razoàvelmente a sua vida como dentista, em Kansas, e não seriam três ou quatro filhos que viriam desequilibrar o seu orçamento. O pior era o mau génio da esposa que, à falta de outro entretenimento, se dedicava a amargurar-lhe a existência. Portanto, o nascimento daquela filha podia vir amenizar a índole irascível da mãe. A pequenita Harlean viria fortalecer aquela união que tantas e tantas vezes ameaçara quebrar-se.

Mas, se o dentista Carpenter se sentia orgulhoso com a sua profissão, ao arrancar sem dor um molar furado a qualquer cliente, a sua esposa tinha mais largas ambições: aspirava ser uma grande artista. Daí a divergência que, dia a dia, se avolumava mais.

O nascimento da filha encheu-os de júbilo, é certo, mas essa alegria foi de curta duração.

Voltaram os ralhos, que redundaram num divórcio por incompatibilidade de génios.

A ex-senhora Carpenter tratou logo de procurar um novo marido, unindo o seu destino ao dum italiano — Marino Bello — cujo nome soava deliciosamente aos seus ouvidos. Era um industrial e residia em Chicago.

Jean Harlow e William Powell

Vem a propósito frisar que, antes de irem parar a esta cidade, a ex-senhora Carpenter e sua filha tinham estado em Hollywood. A ambiciosa mamã desejava fazer cinema, mas não conseguiu contrato. Entretanto, a pequena Harlean ia crescendo em graça e formosura.

Um belo dia, apareceu lhe um jóvem que a namorou — e casaram. Chamava-se êle Charles Mac Grew, e era riquíssimo.

Os noivos escolheram a Califórnia para abrigar a sua felicidade. Em Beverley Hills, que fica a dois passos de Hollywood, alugaram uma confortável vivenda que, a breve trecho, se encheu de pessoas amigas.

Desempenhar as funções de dona de casa pode ser divertido durante algumas semanas, mas, indo a mais, fatiga quem, como Harlean, não sentia a mais ligeira inclinação para tal tarefa. Aborrecida, escreveu a sua mãe e ao padrasto, pedindo-lhes que viessem viver junto dela. E assim se juntaram sob o mesmo tecto.

Entre as pessoas que visitavam a casa figurava uma que se dedicava ao cinema, e soube interessar Harlean na arte de Hollywood.

Pouco depois, Harlean debutava nas comédias de Hal Roach, junto de Laurel e Hardy. Tinha dezóito anos, e passara a usar o nome de Jean Harlow que sua mãe usara nos seus tempos de rapariga.

Surgia uma nova artista que tanto havia de dar que falar.

Nesta altura, Howard Hugues preparava-se para filmar uma versão falante do seu fime "Os anjos do inferno». Uma coisa o preocupava: a sua vedeta — Greta Nissen — falava com um desastrado acento escandinavo. Tirou-o de apuros Ben Lyon que lhe recomendou Jean Harlow. A escôlha foi feliz para Hugues e para Jean Harlow que, de súbito, graças à publicidade feita à sua volta e aos seus cabelos platinados, foi elevada à categoria de vedeta.

Ràpidamente foi considerada a rainha do *sex-appeal*... tanto mais que a retirada de Clara Bow deixara o lugar vago.

Para inaugurar a sua vida de estrêla, Jean Harlow divorciou-se pela primeira vez.

Reentrando em Hollywood, assinou um rico contrato com a Metro-Goldwin-Mayer, casando-se com Paul Bern, director da produção e cenários desta emprêsa. Tempos depois, o marido suicidava-se...

Mas, no entender de Jean Harlow, a sua carreira não podia ser interrompida por êste deplorável acontecimento. Casou terceira vez. O escolhido foi Hal Rossin, técnico cinematográfico, a quem Jean Harlow ficou devendo os seus mais belos *gros plans*.

Embora se calculasse que esta união seria duradoira, não foi além de um ano. Jean Harlow requereu o divórcio... porque o marido tinha o hábito de ler o jornal na intimidade!

Por sua vez a mãe de Jean Harlow divorciava-se também do tal italiano, alegando motivos curiosos.

Mãe e filha passaram a viver conjuntamente e em perfeita harmonia.

Nisto, apareceu Wiliam Powell que, tendo-se desligado de Carole Lombard, poderia ter sido o quarto marido de Jean Harlow, se a morte a não arrebatasse tão cêdo.

Tinha vinte e seis anos e morreu-lhe nos braços. Desde que a conduziram para um quarto do hospital do Bom Samaritano, em Los Angeles, Powell não mais lhe abandonou a cabeceira do leito.

Os médicos assistentes, drs. Fishbangh e Chapman fizeram tudo quanto estava ao seu alcance. Mas que poderiam êles ante um ataque de uremia fulminante?

O português Alvaro Pereira, campeão da Europa, de luta livre

A QUINZENA DESPORTIVA

Está marcado para o próximo domingo a final do campeonato nacional de futebol, acontecimento sempre esperado com anciedade e que serve habitualmente de fecho à temporada de actividade do jogo da bola, mas que êste ano será seguido ainda pelos encontros inter-regionais Lisboa-Porto e Lisboa-Funchal.

A prova máxima do futebol português que dentro de poucos dias chegará pela décima quinta fez ao desfecho duma luta porfiada, foi criada em 1922, apenas com a participação dos campeões de Lisboa e do Porto, que eram o Futebol Club do Porto e o Sporting Club de Portugal, a posse do título derimia-se em dois jogos, um em cada cidade, com terceiro desafio de desempate no caso de igualdade de vitórias e em cidade sorteada entre os adversários.

Foi êste o caso verificado e o destino favoreceu o Porto, onde o respectivo representante levou a melhor por 3-1, num encontro de triste memória tanto nele se fez sentir, e tanto pesou na decisão, um bairrismo intolerável e felizmente desaparecido.

Para evitar a repetição de sucessos á margem do desporto, o regulamento do ano seguinte estabeleceu o regime do jogo único em cidade neutra, e o Sporting foi a Coimbra buscar a desforra do desaire precedente eliminando o F. C. Porto por 3-0, e vindo a ganhar a final à Associação Académica conimbricence por 3-0, em Faro. O campeonato englobara seis concorrentes, adicionando-se aos dois participantes da primeira edição, os apurados Coimbra, Algarve, Braga e Funchal.

Durante três anos ainda o torneio foi reservado aos campeões regionais; em 1924, vieram juntar-se aos da lista precedente, os de Viana, Santarem e Portalegre, em 1925 mais o de Espinho e em 1926, Beja e Vila Real.

Os resultados das três finais dêste período foram, por ordem cronológica: Sporting-Olhanense — F. C. Porto 4-2, F. C. Porto—Sporting C. Portugal 2-1, Marítimo do Funchal — C. F. Belenenses 2-0.

De 1927 a 1934 o campeonato prosseguiu no molde de eliminação, corrigida no entanto a partir de 1931 pelo método dos dois jogos da segunda ronda eliminatória em diante. Vinte e oito grupos continentais participavam na competição, aos que se juntava, nos quartos de final, o campeão das ilhas.

Os vencedores e os resultados dos encontros decisivos nestes oito anos foram os seguintes: em 1927 o Belenenses venceu o Vitória de Setubal por 3-0; em 1928, o Carcavelinhos levou a melhor ao Sporting, que embarcava no dia seguinte para o Brasil, por 3-1; em 1929, o Belenenses bate o União Lisboa por 2-1; em 1930, Bemfica-Barreirense, 3-1; em 1931 voltou o Bemfica a triunfar sôbre o F. C. Porto por 3-0; em 1932 o F. C. Porto voltou à lista dos vencedores, desfazendo se do Belenenses por 2-1; em 1933, o Belenenses derrotou o Sporting por 2-0; em 1934, coube a vez ao Sporting de conquistar o título batendo o Barreirense por 4-3, depois de prolongamento porque os dois clubes se acharam empatados ao fim da hora e meia de jogo.

Em 1935, como conseqüência da criação do torneio das Ligas, o campeonato passou a ser prova subsidiária daquelas competições, a êle sendo admitidos apenas os oito grupos da I Liga, os seis melhores da II Liga e o campeão da Madeira; foram campeões, em 1935 o Bemfica que bateu o Sporting por 2-1 e em 1936 o Sporting que derrotou o Belenenses por 3-1.

As meias finais da competição de 1937, que pode ser considerada uma das mais regulares nos seus resultados, reuniu as quatro colectividades que maiores tradições possuem na prova, cada uma delas três vezes vencedora e na prova, o Sporting ainda cinco vezes finalista, o Belenenses três, o F. C. Porto duas, ao passo que o Bemfica só alcançou a final nos campeonatos onde triunfou.

Dentro em breve saberemos qual dêstes clubes se poderá orgulhar de possuir o "récord" do número de vitórias; não nos queremos arriscar a um prognóstico, tão incerto, nos aparece o resultado da luta derradeira, mas é facto que em qualquer dos competidores assentará bem o título glorioso.

A equipa do hockey do Club Feminino do Porto que esteve em Lisboa de visita ao Belenenses, batendo-o copiosamente

António Fontes, n.º 92 na fotografia, foi o corredor de velocidade que não encontrou entre os novos quem o batesse

Trabalha actualmente em Paris um profissional português do desporto que, pelos seus triunfos, bem merece uma referência elogiosa e de apresentação ao público da sua terra, que apenas o conhece pelas raras e lacónicas citações dos jornais diários.

Trata-se dum especialista da luta livre, educado na escola americana e que, após três meses de actividade na capital francesa conquistava com brilhantismo o título de campeão da Europa, que mantem sem haver ainda conhecido a derrota.

Chama-se Alvaro Pereira, o nosso valoroso compatriota, nasceu no Faial, tendo vivido nos Estados Unidos desde a idade dos seis anos. Nunca, no entanto, deixou de falar a língua mãe que pronuncia com forte acentuação americanisada mas de forma a afirmar a origem que sempre manifesta com orgulho.

O nome de Al Pereira começou sendo conhecido no nosso país, através as notícias dos periódicos americanos, à cêrca de um ano, envolto já numa aura de fama que nomerosas vitórias justificavam e considerado pela crítica especialisada como o melhor europeu que combatia no Novo Mundo.

Contratado pelo conhecido empresário Raul Paoli, o lutador português atravessou o Atlântico e prosseguiu no Velho Continente a sua serie de êxitos. Oposto para estreia ao australiano Bounie Muir derrotou-o com facilidade conquistando tôdas as simpatias da multidão pela energia, pelo entusiasmo, pela virilidade da sua luta; e sucessivamente levou a terra o turco Mehmet Arif, o jugo-eslavo Kersec, o polaco Nowrocki e, por último o búlgaro Koloff, campeão da Europa.

O nosso Pereira, que para os jornais, franceses e, sem que se perceba bem porquê, le "portugais Perreira, poude, como Cesar, afirmar que chegou, viu e venceu. Aureolado pela preferência do público francês, bateu-se em seguida contra o americano Don George, ex-campeão do mundo e ainda um dos mais fortes lutadores da especialidade; vencedor da primeira "mão», Pereira foi forçado a abandonar na outra em virtude de ter sido bastante magoado numa queda para fora do "ring» a que o lançou um golpe mais violento do adversário.

Depois de alguns dias de forçado repouso no leito para se refazer da comoção cerebral sofrida, o lutador português voltou a defrontar o mesmo antagonista e conseguiu desforra brilhante. Após mais duma hora decombate implacável, Pereira derrubou Don George no terceiro assalto com um formidável "upercut» porque o soco também faz parte dos recursos permitidos aos praticantes de luta livre.

Ultimamente, o nosso compatriota fez mais dois combates em defesa da sua corôa de campeão europeu: no primeiro venceu Kwariani e no segundo empatou com Dan Koloff.

Como se verifica, a carreira do lutador açoreano é invulgarmente brilhante. Famoso na América celebrado na Europa, Alvaro Pereira que sempre primou em se apresentar como português conquistou pelo direito um lugar de honra entre as figuras notáveis do desporto nacional.

■

No campeonato de estreantes, o sportinguista Francisco Bastos, em terceiro lugar na gravura, foi a grande revelação nas corridas de meio-fundo

Principiou em Portugal a época de atletismo em pista, em condições difíceis porque a modalidade têm acusado nos últimos anos progressivo e assentuado declínio. Crise técnica, crise material e crise de interêsse, a existência do atletismo tanto em Lisboa como no Pôrto vale hoje muito menos no espírito do público do que há tempos atrás.

A situação justifica-se pelo descuido das organisações nas temporadas passadas, pela ausencia de conhecimentos técnicos dos dirigentes e pela luta surda de despeitos e inimizades mantida entre os orientadores e os críticos.

Felizmente conseguiu-se esta época restabelecer a pista no Estádio do Lumiar, facto que consideramos duma importância capital para a subida do atletismo no aprêco do público.

A pista das Salésias nunca obteve freqüencia apreciável além da população bairrista e a persistencia no organisação local dos todos os campeonatos lisboetas divorciou o público das manifestações atléticas.

Visto que a cidade não dispõe duma pista e terreno capaz, o melhor critério consiste em aproveitar alternadamente as instalações aceitáveis, levando em conta as preferências dos assistentes que é necessário atraír de novo oferecendo-lhes concursos animados, bem dirigidos e que possam constituir espectáculo agradável.

Os torneios até agora realizados, isto é, as provas escolares, de estreantes e principiantes, não decorreram de molde a grangear aplausos aos seus organizadores. Esperemos que o resto da época decorra em moldes diversos...

SALAZAR CARREIRA.

O duque de Ossuna detestava os jesuitas e procurava uma ocasião de saciar em alguns o ódio que a todos tinha. Mandou, pois, um dia chamar dois dos bons padres, escolhidos entre os mais sábios da órdem, e preguntou-lhes se podiam, mediante uma soma equivalente a trinta contos, dar-lhe antecipadamente a absolvição dum pecado que ainda não estava cometido.

Os bons padres disseram que iam esclarecer-se e viriam o mais depressa possível dar-lhe a resposta. Três dias depois, efectivamente, vieram trazer-lhe o livro dum dos seus autores que achava isso possível, e deram-lhe antecipadamente a absolvição do seu pecado. Em compensação deu-lhes êle uma letra de câmbio que devia ser paga pelo seu banqueiro que morava a quatro léguas do sítio onde estavam.

Os dois jesuitas puseram-se a caminho; mas, apenas tinham andado uma légua,

O novo gerente:
— *O que é o senhor cá em casa?*
— *Sou chefe do pessoal.*
— *E o senhor?*
— *Eu... sou o pessoal.*

encontraram criados do duque, que os moeram de pancadas e lhes tiraram as letras de câmbio.

Eles voltaram ao duque e narraram-lhe o que se tinha passado.

— Meus senhores, disse êle, era justamente êsse o pecado que eu tinha vontade de cometer e de que Vossas Paternidades me deram absolvição.

■

O marechal de Luxemburgo, um dos primeiros cabos de guerra que teve a França, era corcovado.

— Pois nunca hei-de vencer êste corcunda? — diz um dia o seu valente adversário, o príncipe de Orange.

— Como sabe êle que sou corcunda — diz Luxemburgo, quando lhe referiram as palavras do príncipe — se nunca me viu pelas costas?

■

Dizia em certa roda um credor diante do seu devedor, marralheiro como poucos:

— Quem paga o que deve, fica rico. Sempre ouvi esta sentença, e é verdade.

— História! atalhou o outro, são balelas que os credores espalham.

— Eu, por mim, insistiu o primeiro,

não sei como um homem que deve pode dormir.

— O que eu não sei, triplicou o segundo, é como pode dormir um homem a quem os outros devem!

■

— Você empresta-me cinco escudos?
— Eu não o conheço!
— Por isso mesmo é que eu lhe peço. Os que me conhecem já me não emprestam.

■

Então o senhor doutor também se entretem a fazer versos?
— É para matar o tempo.
— Homem! Então não lhe chegam os doentes?

■

Ia um sujeito jornadeando e levava por criado atrás de si um rapaz montado num jumento. A cilha, que apertava o pobre do onagro, foi-se alargando pouco a pouco, e, numa descida, acabou de correr-lhe a albarda para o pescoço.

— Ó senhor meu amo, ainda falta muito para acabar a jornada?
— Porque perguntas isso? — volveu o amo.
— É que o burro vai-se acabando.

■

Um sábio fez um cálculo em que provava que um homem emprega, termo médio, três horas por dia a falar, o que,

— *Mas se tu não aprenderes a escrever como hás-de escrever as tuas cartas quando fôres homem?*
— *Arranjo uma dactilógrafa!*

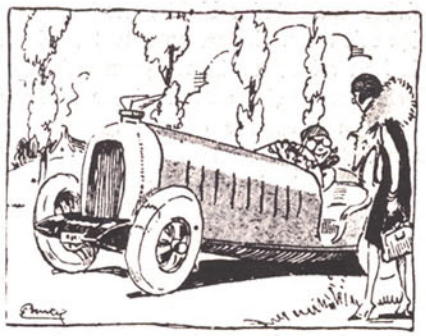
pronunciando 100 palavras por minuto, 29 páginas em oitavo por hora, 600 páginas por semana e 52 volumes por ano.

— O seu cálculo é também aplicável às mulheres? — preguntou-lhe um curioso.

— Sim, senhor, multiplicando tudo por 10 — respondeu o sábio.

■

Representava-se o *Guilherme Tell* no Teatro de S. Carlos. Um provinciano, de visita à capital, quere gozar o belíssimo desempenho desta ópera, cantada então por Beneventano, Mongini, etc. Compra bilhete e toma o seu lugar, resolvido a não perder uma só nota daquela riquíssima partitura. Por infelicidade, ficara-lhe ao lado um dêsses cavalheiros que, por muito habituados a freqüentar o teatro de S. Carlos, sabem de cór os trechos mais mimosos de tôdas as peças. Pois êste diletante, talvez para mostrar às pes-



— *E o seu automóvel anda depressa?*
— *Se anda! Calcule que quando vou ao Estoril, tenho de começar a travar no Cais do Sodré para parar em Cascais!*

soas vizinhas quanto lhe eram familiares as óperas que formavam o reportório de S. Carlos, ia acompanhando os cantores, entoando a meia voz a mesma música.

O nosso provinciano perde a paciência durante o desempenho duma ária, cantada magistralmente por Beneventano, e voltando-se enraivecido para o importuno, que lhe não deixa gozar tão magnífica execução, diz-lhe:

— Que malcriado!

— Isso é comigo? — brada-lhe o lisboeta.

— Não, senhor; é com aquele insolente Beneventano, que não me deixa ter o prazer de admirar a linda voz que V. Ex.ª tem...

■

Havia uma dama, cujos costumes não eram irrepreensíveis, e que tinha no seu brasão a seguinte divisa: *Honra e Deus.*

Um gracioso, arvorando-se em censor da vida alheia, teimou em que as palavras estavam invertidas e escreveu ao lado da divisa: *Adeus, honra.*

■

Um zarolho apostava com um homem que tinha excelente vista, em como via mais do que êle. A aposta foi aceita.

— Ganhei, exclama o zarolho; eu vejo-lhe dois olhos e você não me vê mais que um.

OS AMORES DE WENCESLAU DE MORAIS

Wenceslau de Morais fardado de simples marinheiro

Faz amanhã oito anos que Wenceslau de Morais se finou no Japão, país que o enfeitiçara para sempre. Tinha 75 esperançosas primaveras, embora nos seus cabelos branquejasse a neve de outros tantos invernos. É que no seu coração sempre moço latejou sempre até o derradeiro momento aquele "contentamento descontente" de que nos fala Camões.

Ao descrever os seus amores, Wenceslau de Morais é tão singelo, tão simples, tão sincero que nos encanta!

Bem hajam, pois, os nossos presados camaradas Angelo Pereira e Oldemiro Cesar pelo seu magnífico livro "Os amores de Wenceslau de Morais" que vem evocar-nos, como nenhum outro, a saudosa figura do autor do *Dai-Nipon*.

Como êle sabia amar!

Eis uma passagem da sua confissão no *O'Yoné e Ko-Haru*:

"Eu conheci muito uma Ko-Haru, com quem ainda há poucos dias palestrava.

"Era uma rapariga de Tokushima, de certo modo um vulto popular no bairro Tomidá, onde nasceu, onde cresceu, onde brincou, onde garotou, onde por último certamente namorou; isto durante vinte e três anos a seguir — pois não foi mais além a sua existência de garota — salvo um período de três anos, durante os quais esteve em Kobe, servindo como criada em minha casa. Vinte e três anos apenas! Bem posto o nome de Ko-Haru, que nos traz logo à lembrança uma efémera pseudo-primavera, que surge e passa breve...

"Ko-Haru era uma moça espigada, trigueira, alegre, viva, parecendo vender saúde. Não se lhe poderia chamar uma beleza; estava mesmo muito longe disso! Havia encantos, todavia, no seu perfil esguio, na desenvoltura dos seus gestos de criança da rua — pois fôra principalmente na rua onde medrara — na franca doçura do olhar, no sorriso em que a boca a cada momento se arqueava, a deixar vêr duas fileiras de alvíssimos dentinhos, e as formas modelares das suas mãos e dos seus pés. Ainda por cima: — inteligente, mais do que a grande maioria das mulheres do seu humilde nivel social; dotada de um fino temperamento artístico, curioso investigador, facilmente impressionavel, perante as belas coisas naturais; e com um tique de poesia sonhadora a fermentar lá dentro, no ámago do cerebrozinho esgazeado".

Pouco tempo duraram os amores de Wenceslau de Morais com esta japonesinha travêssa. Um dia, fugiu para se ir juntar com um miserável que seduzira, Não tardou, porém, a sentir-se doente dos pulmões. A tísica minava-a tão assustadoramente que o amante a abandonou. Que havia de fazer? Onde iria acolher-se? Lembrou-se de Wenceslau de Morais, e foi bater-lhe à porta. Este recebeu-a carinhosamente, conservando-a algum tempo em sua casa. Mas a doença agravou-se, e foi a própria enferma que manifestou desejo de ser internada num hospital.

Assim se fez.

Angelo Pereira e Oldemiro Cesar, seguem, passo a passo, a jornada do grande amoroso através da via dolorosa dos desgraçados enleios do enfeitiçado nipónico:

"Em 12 de Agosto de 1916 uma maca atravessava as ruas buliçosas da cidade, seguida pelo escritor acabrunhado, a caminho do hospital do dr. Kokawa, onde a tuberculosa foi ocupar o quarto particular n.º 19, da terceira classe.

Novo martírio para o coração afectivo e sensível a tôdas as desgraças de Wenceslau de Morais, que passa a visitar todos os dias a enferma, levando-lhe palavras de conforto e coragem e todos os mimos possíveis.

"Sem receio de contágio, passa horas e horas à cabeceira da cama, apertando-lhe as mãos escaldantes da febre. Não se trata de um novo amor material, como sucedeu com a irmã de Ko-Haru, segundo ela fez constar.

Wenceslau de Morais explica assim no seu livro *Ó-Yoné e Ko-Haru* a sua estima pela antiga criada de sua esposa:

"Isto, êste estado de alma sem nome nasceu espontâneo no íntimo do meu ser. As causas concorrentes, que o foram avigorando, entram na mesma categoria das causas que acabo de apontar, referindo-me ao amor. Foram elas: o convívio aturado, a longa contemplação da figurinha de Ko-Haru, as confidências trocadas — antes ouvidas — o contacto casual, ou necessário das minhas mãos, com as mãos da enferma, com ela tôda, inteira. Dava-se uma diferença apenas: encantos femininos eram absolutamente excluídos. O que vinha ferir constantemente os meus sentidos, era a presença de um corpo macerado pelo ferrete do martírio, horrorosamente transfigurado, horrorosamente esvaecido, horrorosamente miserável...

"Ko-Haru também algumas vezes foi visitada pela mãe e, um certo dia, pela irmã Maruyé que levou ao colo o filho de Ko-Haru que tinha um ano de idade.

"A morte, no entanto, avisinhava-se a passos gigantescos. Na ante-véspera, o pai visitou-a. Ko-Haru, adivinhando que estava por um fio a sua vida, entregou-lhe o anel de oiro que tinha no dedo e disse que o levasse a sua mãe.

"Ah! aquele anel!... Trágica história tinha aquele anel!...

No dia 2 de Outubro, ao meio dia e trinta minutos, faleceu Ko-Haru quando garatujava numa folha de papel de arroz as suas últimas vontades.

As cinzas do seu cadáver cremado foram para junto das de Ó-Yoné, e consoante os ritos da religião budista os bonzos gravaram-lhe na sepultura o seguinte poético epitáfio:

"Piedosa mulher. Comparável a um magnífico quadro, traçado por um pincel primoroso e oferecido, como ex-voto, aos deuses".

O livro de Angelo Pereira e Oldemiro César descreve-nos tão profundamente Wenceslau que nos recorda os deliciosos versos com que Eugénio de Castro encerra a sua *Fonte do Sátiro*:

Só o ligeiro Amor não se faz velho
Do berço à tumba dominando o homem.

Ó Yoné

A grande Arte é sempre uma e a mesma e nela não há modificações, e, tivemos a prova absoluta desta verdade. Na admirável exposição de pintura que de 30 de Abril a 21 de Maio se realizou êste ano no Museu de Arte Antiga no Palácio das Janelas Verdes.

Esta exposição é mais um favor, que todos os que se interessam pela Arte devem ao Senhor Doutor José de Figueiredo, o homem que mais tem trabalhado em Portugal pela Arte e pelo desenvolvimento do gôsto artístico, tão transviado há anos do caminho da Beleza.

Tôda a sua inteligência, tôda a sua actividade, tem-na empregado êste homem de invulgar cultura e de sentido artístico nato, no serviço do país, que lhe deve verdadeiros triunfos nesse campo.

Sem falar no desenvolvimento e apurado gôsto com que está disposto o Museu de Arte Antiga, basta o que o Dr. José de Figueiredo, tem feito pela restauração dos Monumentos Nacionais como a igreja de Leça do Bailio, a Sé do Porto e tantas outras, para que todos lhe sejamos gratos, não esquecendo também o triunfo que foi a exposição de Arte Antiga Portuguesa em Paris no ano de 1931, no Pavilhão do Jeu de Paume, nesse ano em que Paris foi visitado pelo mundo inteiro que acorreu à exposição colonial e em, que uma das maiores atracções foi a nossa exposição, que encheu de orgulho e de felicidade, os portugueses, que tiveram a dita de a ver, comovendo o seu triunfo até às lágrimas, aqueles que no peito sentem arder a chama do amor pátrio, e maravilhando os estranhos que ignoravam, que neste cantinho ocidental existiam tais tesouros artísticos.

Mas o Dr. José de Figueiredo não se contenta em levar ao conhecimento dos estrangeiros as preciosidades artísticas da nossa terra, traz também ao conhecimento dos portugueses, os artistas de mérito, que há pelo mundo, como o fez agora com a obra de Teodoro Baierl o grande pintor alemão morto há cinco anos, em 1931 e que deixou uma obra preciosa.

Parecerá talvez a muita gente que a exposição dum pintor dos nossos dias; estava no seu lugar, no Museu de Arte Antiga, e, em nenhuma outra parte ela poderia estar melhor.

Teodoro Baierl é um moderno porque viveu nos nossos dias, mas pinta tão admiravelmente como qualquer pintor de século XVI ou XVII.

As suas côres, o seu processo de fazer as côres o seu admirável desenho, tornam a sua pintura digna de enfileirar ao lado dos grandes mestres do passado, e, estavam bem os seus quadros no nosso Museu de Arte Antiga, como estariam na «Galleria dejli Iffizzi» ou na «Pinacoteca» Vaticano, em Florença ou em Roma.

Uma das coisas que encanta nos seus quadros, como o faz nos dos grandes mestres da antiguidade é a maneira maravilhosa como trata o fundo dos seus quadros, pormenor tão desdenhado, pelos pintores dos nossos tempos, e, que em nada prejudica o assunto principal do quadro antes o põe em maior destaque.

Ao contemplar os belos quadros de Baierl nós sentimos a mesma impressão, que ao ver os quadros de Botticelli, de Rafael, de Seginotelli, essa admiração enternecidade pelo que é verdadeiramente belo.

«Pietá» evoca nos Mantegna, «Alejona» Botticelli, «Rassifal» e «S. João» Leonardo de Vinci, e, no entanto «Weckend» é bem moderno e temos a nítida sensação, que os seus quadros não são cópias, mas sim a inspiração, que o estudo completo e perfeito dos grandes mestres lhe deu.

E' admirável ver um artista moderno renascer a arte perfeita absoluta, àquela que nos dá prazer aos olhos, afastando, com produções, que irritam os nervos de quem se habituou a admirar a contemplar, recreando, deliciando os olhos e a alma na Arte Sublime dos grandes Artistas de tempos idos, de séculos passados.

Essa exposição de Baierl é um refrigério para a alma que, apaixonada pela arte, pensa: nunca mais se poderá fazer nada, como aquilo, Baierl prova-nos que esse firme é perfeito desenho, esse colorido belo, brilhante e delicado, essas tintas, que escorrem na tela como veludos e setins, tudo isso que forma um conjunto perfeito póde executá-lo e com perfeito êxito um artista de hoje como o fazem os de ontem.

Eu quereria poder ter levado ao Museu das Janelas Verdes tôdas as senhoras de Portugal, fazer-lhes ver êsses admiráveis quadros, incutir-lhes interêsse e amor por essa admirável Arte da Pintura, dessa grande Pintura, que tive a felicidade de ver e sentir em quási todos os grandes Museus de Itália e que me deram as mais suaves emoções artísticas da minha vida.

Emoções que não esquecem porque vêm do mais profundo da nossa alma e do mais delicado que nela existe, o sentido do Belo.

Do Belo que personifica tôda a elevação da Arte e do génio humano, a quem Deus dá a centelha deslumbrante de criar beleza.

MARIA DE EÇA.

PÁGINAS FEMININAS

A moda

Exige que antes de ir para a praia se faça um absoluto repouso numa quinta ou casa de campo. Repouso que prepara o organismo para a cura à beira-mar para os banhos de sol, e, para a natação que se são muito higiénicos e convenientes para quem os pode fazer, fatigam também, numa fadiga sã e natural, mas que necessita preparação.

Essas estadas no campo pedem «toilettes» alegres e claras, mas duma grande simplicidade para que possam ser usadas, sem receio de se estragarem e que permitam uma agradável sésta à sombra dos pinheiros, uma pesca no rio, enfim essas pequenas distracções da vida, ao ar livre no campo, que nos liberta da sujeição da cidade e da «toilette».

Para êsse efeito temos hoje um lindo modêlo em linho do côr natural com bolas azuis escuras, duma grande simplicidade e que na fotografia tem um graciosíssimo efeito, porque dá à graciosa Maureen O'Sullivan que a traz o aspecto de estar vestida de igual ao seu lindo «Grand Danois» que a acompanha em todos os seus passeios. Completa a toilette uma grande capeline em palha «panamá» branca. O calçado muito prático, é em lona branca com sola de anta.

Para mais «toilette» vestido também de estilo ligeiro em seda «imprimée» fundo azul escuro. A saia muito simples tem apenas na frente uma funda prega. Um laço da mesma seda remata junto ao pescoço o corpete.

Chapéu em palha brilhante género do chapéu de varina, guarnecido com um véu com grandes «pois». Na mão como abafo quando o tempo refresca casaco «trois quarts» em «crêpon» de lã azul escuro. Esta toilette é usada com a graça habitual de Della Lind estrêla vienense da Metro Goldwyn Mayer, e é prática e cómoda na sua simples apresentação.

Una Merkel, a grande artista da Metro Goldwyn Mayer, apresenta uma linda «toilette» para «garden party» ou Casino.

Em seda «glacée» da melhor, fundo azul escuro florido das mais vivas e brilhantes côres, tem como guarnição a grande novidade dêste ano. Os bordados em seda branca, no género dos que antigamente se aplicavam na roupa branca. Estes bordados dão aos vestidos um encantador aspecto de frescura. Completa a graciosa «toilette» uma grande «capeline» em palha de Itália, bordada na capa em sedas e guarnecida por longas fitas em veludo vermelho. E' de grande «chic» e novidade êste conjunto.

E' sempre difícil vestir as raparigas muito novas, os vestidos de criança já não lhes ficam bem, os de senhora são pesados para elas.

A moda porém, dá-nos neste momento modelos que muito as favorecem. Os corpetes guarnecidos, por «Berthes» ou grandes golas, os laços na frente, as mangas tufadas, todo êsse aspecto da linha moderna, condiz com essas gráceis silhuetas, de forma ainda imprecisas e de esbelta graciosidade e elegância.

Usam se muito as romeiras que se alegram com um laço de «piquet» branco.

Usam-se para as meninas uns pequenos casaquinhos, completamente direitos, que apenas atingem as ancas, e que nos fazem variar dos casacos «trois quarts» já muito vistos.

Para a noite as saias muito rodadas em baixo é muito juvenil e gracioso. E se, se continua a usar a «organza», como tudo o faz prever êsses floridos vestidos resurgirão os vestidos de estilo que já se usaram.

Damos três lindos modelos para meninas de dezasseis a vinte anos. Vestidos em «crêpe» da China azul escuro, saia lisa um pouco a geito, corpo todo franzido e apertado por tirinhas lisas, mangas curtas.

Outro vestido «imprimée» em fundo amarelo claro e vários desenhos de côres, as mangas guarnecidas com um fôlho em «godets» são originais e graciosos. Um laço guarnece a frente do vestidos.

Vestido em seda xadrez, todo cortado enviuzado e bastante justo, gola em «georgette» branco e rosas em «georgette» guarnecendo o tufo das mangas e eis as raparigas de menos de vinte anos graciosamente vestidas para o verão e duma encantadora simplicidade.

Interêsses femininos

Uma importante delegação de senhoras enviada pelo Conselho Nacional da Grã-Bretanha, expôs ao ministro do Interior inglês, uma reforma sôbre a vigilância das mulheres presas e seu tratamento na prisão, expondo a necessidade de um estatuto que regule o serviço das agentes de polícia, já numerosas naquele país.

O ministro concordou que as mulheres presas devem ser entregues ao cuidado e vigilância de mulheres agentes de polícia, e, declarou que ainda há uma enorme desproporção entre o número de mulheres agentes de polícia e homens.

Declarou mais que a polícia feminina tem dado óptimas provas da sua capacidade e que deve portanto ser aumentada.

Eis aqui um exemplo a seguir e é necessário também que a exemplo da Alemanha onde há prisões femininas modelares, se faça alguma coisa para melhorar em todo o mundo a situação da infeliz que por desgraça comete delitos e incorre em merecidas penalidades, que por merecidas, não excluem a caridade e sobretudo o objectivo da regeneração que se não consegue de maneira nenhuma com os actuais regimes prisionais que por tôda a parte há.

As tendências intelectuais da mulher

Discute-se sempre nos meios literários e intelectuais franceses qual a preferência da mulher pela leitura. Nesses meios onde existe a verdadeira cultura, a opinião e a preferência da mulher não é desdenhada, pois sabe-se que ela tem uma grande influência na venda dos livros.

Henri Dunernais o grande romancista expõe a sua opinião da seguinte maneira. «A mulher moderna começa a aborrecer-se, e, tem inteiramente razão, dos romances chamados sentimentais, quando o sentimento que exprimem é artificial e monotono. Mas o romance quer se queira ou não, é o amor.

Para a História há livros históricos, e há mais os livros de aventuras, de viagens, de memórias e até de negócios da Bolsa. O romance de amor terá sempre grande aceitação, desde que seja sincero. Querer meter quási tudo no romance resulta a super produção actual, que é aborrecida.

Como autora a mulher é mais autobiografista do que o homem e porquê? Porque atribui mais importância aos factos da sua existência».

Colette Yner, finíssima intelectual cujas obras tanto se tem espalhado diz: «Creio que não há «mulher moderna» mas sim «mulheres de hoje» que são tanto mais diferentes quanto mais avançada é a sua cultura, mais intensivo o seu desenvolvimento e mais ardente a sua actividade.

Na grande massa feminina ha uma «élite» que se interessa pelos romances de estudo de psicologia. A outra parte pode apreciar o romance de aventuras, mas na mulher da «élite» não ha essa tendência.

Mas por muito que seja para atender a maioria, penso que é sempre o romance sentimental que lhes leva ao máximo o interesse.

Quanto ao facto das mulheres quando escrevem se retratarem nas suas obras mais fielmente do que os homens, é resultado da mulher ter menos imaginação de que o homem, isto é, poder para realizar intelectualmente o abstrato, quer se trate do caracter das personagens do romance, das situações romanescas, ou da descripção das cenas e das ideias.

E' êste o motivo que a leva a recorrer ás suas próprias lembranças, quando escreve uma história. Entenda-se porém, que não ha leis absolutas. E' no entanto fora de dúvida que a mulher, em regra, realiza por si mesma a observação, ao passo que o homem encontra facilidade em construir o que lhe é estranho. A criação não é um acto feminino.

Seria possível escrever livros de fôlego sôbre o assunto, mas livros que seriam sumamente aborrecidos».

Eis aqui a opinião de duas sumidades sôbre tão difícil assunto.

Higiene e beleza

O queixo é uma das preocupações da mulher que já não é muito nova. A segunda barba é uma certidão de idade que se trás patente a todos os olhares e que não engana ninguém.

Para conservar um oval perfeito que é uma das belezas essenciais do rosto; deve fazer-se a massagem do queixo achatando os músculos do maxilar inferior, com a palma da mão subindo para as orelhas.

Isto faz-se com um creme gordo ou adstringente segundo a pele é sêca ou gordurosa, mas o processo é sempre o mesmo.

A massagem circular faz-se com três dedos indo do queixo para as fontes.

E' preciso ter o rosto na maior tranquilidade possível, repousar uma hora por dia com os olhos fechados, estendida no mais completo silêncio.

A aplicação de raios violetas é também muito eficaz quando não ha sol, e, quando o ha, um banho de sol. A luz tonifica os músculos, enrija os tecidos e excita as funções orgânicas. E' recomendável para quem tem tendências para a segunda barba o uso dum suporte em cambraia fina durante uma hora de manhã ou á noite.

Receitas de cozinha

Rins de carneiro com agriões: Cortam-se 12 rins de carneiro bem frescos do lado convexo

sem separar as duas metades, tira-se-lhes a película, que está em volta para ficarem bem limpos.

Enfiam-se quatro a quatro em espetos, deita-se-lhes sal, pimenta e barram se de azeite ou manteiga (a gosto), e vão a grelhar ao lado da abertura. O fogo deve estar forte para os grelhar bem.

Voltam-se passadas três ou quatro minutos do outro lado estando o mesmo tempo ao lume e tiram-se do espeto para uma travessa que esteja quente. Deita-se sôbre cada rim nóz de manteiga, e rodeiam-se de batatas coradas em manteiga e de ramos de agriões.

Morangos Irma: Tira-se a pele a 450 gr. de morango; corta-se em grossos dados ananaz de conserva (100 gr.). Juntam-se os morangos e o ananaz numa saladeira; salpicam-se com colheres bem cheias de açucar em pó e meia colher de sumo de limão, rega-se tudo com 5 ou 6 colheres de «kirsch» deixa-se macerar ½ hora mexendo de vez em quando para que tomem o gosto do limão do açucar e do licor passam-se numa peneira fina 100 gr. de frambroezas maduras, põe-se êste puré numa taça com uma colher de açúcar fino deitam-se os morangos e o ananaz numa tigela de cristal e sôbre êles deita-se o puré das frambroezas a que se juntou o môlho dos morangos e ananaz.

De mulher para mulher

Guida: Deve haver sempre harmonia numa casa e, se escolheu para fundar o seu lar um prédio ultra moderno, é chocante comprar moveis antigos, o seu futuro marido tem tôda a razão. A casa deve ser mobilada á moderna. E ha mobílias lindas e mil maneiras de arranjar uma casa. Para as janelas faça as cortinas nas lindas «etamines» modernas.

E' muito comodo, o fogão a gaz e sabendo-o graduar não é mais caro o consumo.

Violeta: Nunca fiz cruzeiro nenhum, mas deve ser agradabilissimo quando não se enjôa. E' uma bela maneira de aproveitar as férias não ha dúvida, e o que lhe desejo é que faça uma viagem muito feliz. Para variar é não levar muito bagagem, leve uma saia comprida em «crêpe satin» preto e umas bluzas, uma em laené, outra em renda, outra em setim branco. E' chic, é moderno e é prático.

Alda: Ha cursos de férias na Itália, na Alemanha e na Holanda, dirija-se aos consulados dêstes países e depois de ver as condições, pode escolher o que mais lhe convém. Se não foi nunca á Itália, comece por aí e verá que se não arrepende.

Pensamento

Nada conquista os espírito como a lisonja, embora grosseira e sem disfarces.

LAVORES FEMININOS

A mulher de hoje, conquistados tantos direitos, que quási está egualada ao homem, em saber e independência, vê a sua vida completamente modificada. Essa modificação traz muitas vezes ao lar e à sociedade um mal estar e uma desorientação fàcilmente explicável pelo desiquilíbrio que tôdas as transições ocasionam.

Como há-de a mulher que o seu emprêgo espera, que no seu consultório médico tem a hora

da consulta, que no seu escritório de advogada tem uma importante conferência, de que depende a liberdade, entre nós, e noutros países até talvez a vida do seu constituinte, a professora, que uma aula repleta de alunos chama a ser pontual, ocupar-se do govêrno da casa e ter tempo para pontear a roupa?

E' impossível, como impossível é ao homem que os negócios preocupam pensar na vida caseira. O cérebro feminino cansado de ocupações de alta responsabilidade não pode ocupar-se dessas humildes e pequenas coisas que fizeram a vida das nossas mãis e das nossas avós.

E no entanto essas pequenas, essas humildes coisas, têm uma importância capital na vida de todos os dias da família e do bem estar dessa pequena parcela da sociedade, que forma, reunida a muitas outras, um estado.

E' natural e é justo que a mulher aproveite êsses direitos que foram tão disputados e que a sua inteligência tenha a mesma cultura, que a inteligência do homem, mas é negável, que a actividade que dispende fora do lar, prejudica a orientação dêste, embora pecuniàriamente aumente o seu rendimento.

Há pessoas para tratar da casa, cuja profisão, não é outra, há mulheres para coser, há criadas para trabalhar, mas como êsse trabalho mercenário, pago a tanto por dia ou a tanto por mês, é diferente daquele realizado com carinho e amor pela dona da casa.

Aquela, que com ternura fundou aquele lar, que o embeleza dia a dia com o trabalho das suas mãos, que o faz prosperar com a admiração cuidadosa, com essa economia doméstica, sem a qual não há mediania que possa viver e fortuna que resista.

O dinheiro que a mulher ganha fóra de casa é em geral deitado pela janela por aquelas a quem paga para a substituirem no govêrno do lar, e que durante a sua ausência são as verdadeiras donas da casa.

A mulher casada tem de ser a verdadeira dona da sua casa e essa é a vida para que verdadeiramente foi criada.

No casamento o homem e a mulher unem-se para fundar um lar, criar uma família, ter filhos, criá-los e educá-los no ambiente familiar.

O homem tem a obrigação restrita de trabalhar, de angariar os meios de subsistência da família, que criou; à mulher compete administrar o dinheiro que recebe para o govêrno da casa, e tratar do interior do lar, de organizar da melhor forma a felicidade e o bem estar dos seus.

Dessa união perfeita e completa nasce o bom entendimento, que torna a vida agradável e equilibra a família e a sociedade, e, não pensem as senhoras que me lêem, que eu quero dizer com isto que a mulher deve ser uma ignorante e fazer apenas um trabalho de criada, longe de mim tal pensamento.

Para ser uma bôa dona de casa e uma mãi como deve ser, é preciso ser muito inteligente, ter uma vasta cultura que permita à mãi fazer ou vigiar a educação de seus filhos, e à mulher orientar e dirigir a vida dos que a rodeiam administrando os bens de todos.

Bens materiais e morais. A mulher que assim não pensa, o homem que procura apenas uma mulher que junte dinheiro e se lhe não torne pesada, o melhor que tem a fazer é não se casar, porque não compreendeu a vida como ela, e não há modificações, que possam transformar certas instituições e o casamento é uma delas.

Da orientação materna de alguns lares vem sem dúvida nenhuma esta onda de divórcios, que cria as mais desgraçadas situações para os filhos, das famílias desunidas e para os próprios que as desuniram e que pensavam encontrar a felicidade refazendo a sua vida.

Em Portugal sentimos no Estado Novo uma renovação de costumes, que tende a duma maneira nova a continuar as antigas tradições nacionais e a implantar os antigos costumes, pondo de parte hábitos que do estrangeiro nos vinham e que se não adoptavam a maneira de ser da nossa gente.

E' muito para desejar que essa tendência se acentue nas famílias portuguesas e que a mulher compreenda que a sua vida não pode ser como a do homem dedicada apenas a uma profissão, nem tão pouco uma vida de futilidade e frivolidade.

Para a mulher inteligente e culta não é descer do seu pedestal de intelectual ocupar-se da sua casa e como antigamente o faziam as nossas avós, fazer os dôces para todo o ano, a barrela do bragal, arrumar nos armários as pilhas dos lençois e ter em dia o govêrno da sua casa.

Como também não são para desprezar os trabalhos de mãos, o bordadinho ou a costura, que entretêm os dedos enquanto se conversa à mesa do serão ocupação útil dos dedos, que tanta vez vemos agora substituida, segundo a mulher que se diz moderna nas suas afusadas e vermelhas unhas, um cigarro!

Quanto mais interessante não é a mulher que nos seus ágeis dedos, que os aneis fazem fulgurar, segura um bordado, uma costura ou um «crochet», do que aquela que os queima com o fumo da ociosidade.

E que coitada dela supõe marcar assim pela sua elegância, que nem mesmo o vício desculpa, porque na sua mão o cigarro não passa duma atitude, que ela julga de independência.

Os ingleses dizem, que os trabalhos de agulha calmam os nervos e quantas belezas não saem das mãos da mulher trabalhadora, colchas, almofadas, toalhas de mesa e de chá, que tornam o seu lar um ninho de conforto e de atractivo aspecto, que não pode deixar de prender marido e filhos.

Como é encantadora a jovem que prepara o enxoval do filhinho, que anciosa espera, e que passa horas ponto atrás de ponto, fazendo as fofas e leves casaquinhas, que ao «tricot» vão aumentando e pouco a pouco vão crescendo, como no seu coração vai crescendo o amor ao entezinho que será a sua razão de viver e será o complemento da sua felicidade.

A senhora que sabe fazer os seus vestidos, a sua roupa, que sabe coser, que sabe bastar-se a si própria e aos seus é a mulher verdadeiramente independente aquela que não precisa de ninguem para viver e não depende de costureiras e modistas senão, quando pode ou quer fazê-lo.

E' neste sentido que se está orientando a educação da mulher portuguesa com a abertura de vários cursos de costura e é nesse sentido que se deve orientar, pois é o que verdadeiramente lhes convém.

As mãis compete vêr, que as filhas precisam de conhecer todos os segredos da economia doméstica, e, que a par da vasta instrução que actualmente se dá à rapariga, deve estar o conhecimento do govêrno da casa e de todos os lavores femininos, que são de indispensável conhecimento à mãi de família, que desempenha os seus deveres com conhecimento de causa e perfeita orientação.

Se é interessante a mulher culta, se é preciosa a mulher desportista, e, admirável a artista, a mulher de casa é muito útil, e não é incompatível com a cultura, com o desporto e com a arte o ser uma boa dona de casa só pode aumentar os merecimentos de quem possui as outras.

E êsse exemplo dão-no-lo as próprias estrêlas de cinema, modêlo inalterável de algumas meninas quando se trata de penteados, modas e atitudes, e que neste ponto dão exemplo como demonstro com as gravuras. Betty Furness a linda artista de cinema dedica se à sua casa e nas horas vagas faz «crochet» com uma tal actividade que as obras crescem nas suas mãos.

Florence Rice loira artista, «vamp» famosa e exímia costureira e artística bordadora, saíndo das suas mãos obras de arte em finas roupas, calmando os nervos neste pacífico trabalho, nervos excitados, pelo difícil trabalho de filmagem que esgota os artistas.

Eis uma modalidade das artistas a copiar, por essas meninas, que vivem a sonhar com imaginárias parenças, com as mais conhecidas artistas que ilustram Hollywood e aparecem em todos os «écrans» da Europa.

A mulher só tem a lucrar em conservar o seu encanto feminino e êsse não é em extravagâncias, que se manifesta, mas sim, na simplicidade senhorial e na maneira de orientar a sua vida,

sendo sempre e acima de tudo mulher, e se a sua inteligência lhe permite altos estudos, que as suas mãos não percam a habilidade feminina.

Que elas saibam embalar seus filhos, tratar os enfermos e confeccionar êsses mil nadas, que são um tudo de perfeição, e, que tornam a mulher indispensável na vida caseira e ornamento da família e da sociedade.

MARIA DE EÇA.

ACONTECIMENTOS DA QUINZENA

Léon Blum — Léon Blum, chefe do Govêrno francês que a hostilidade do Senado derrubou do poder, sendo substituido por Camille Chautemps, senador radical-socialista

A tomada de Bilbau — Esta gravura apresenta um curioso gráfico de Bilbau que, após desesperada resistência luta foi tomada pelas tropas nacionalistas. O ataque, orientado pelo general Mola, tinha de surtir bons efeitos, pois fôra estudado pacientemente e com a maior proficiencia. Pena foi que o seu autor, morto num lamentavel desastre de avião, não pudesse ver a feliz realização do seu plano. A grande capital da Biscaia esteve durante semanas sob o regimen do terror. Após a entrada das fôrças do general Franco, a situação normalizou-se ràpidamente, sendo logo adotadas as necessárias providências para a imediata laboração dos altos fornos. Assim, a capital biscaínha continuará a produzir, estando tôdas as atenções voltàdas para as minas de ferro que são a sua grande fonte de riqueza

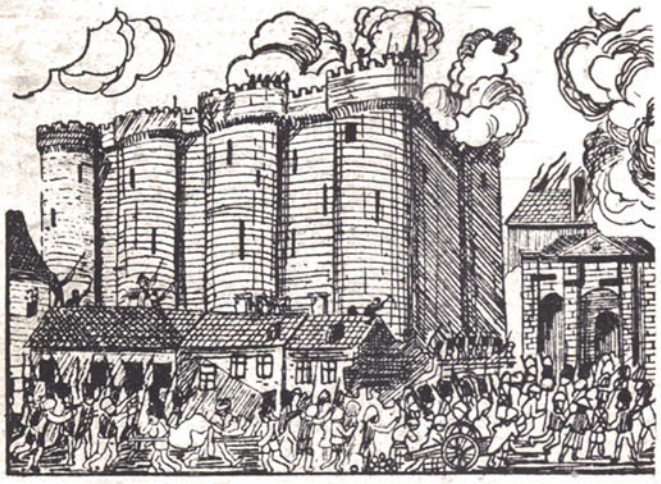
Gaston Doumergue — Na sua terra natal, Aiguesvives, faleceu Gaston Doumergue, antigo Presidente da República Francesa. Como chefe do Estado foi o modêlo da ponderação e da sã política. Num momento angustioso a França reclamou novamente os seus serviços. Governou então num período crítico, em que houve casos como o escândalo Stavisky, a queda do franco, o atentado contra o rei da Jugo-Eslávia... Mas salvou o franco, manteve a ordem e prestigiou a justiça

O terror na Rússia — O marechal russo Tuchatschewski condenado à morte com oito generais soviéticos sob acusação de traição à pátria. A sentença foi imediatamente executada

Dr. Laudelino Freire — Faleceu no Rio de Janeiro o ilustre escritor dr. Laudelino Freire, membro da Academia Brasileira de Letras. Entre outras obras escreveu a «História de Sergipe», «Introdução ao curso de psicologia», «Verbos portugueses», «Notas e perfis», «Um caso de impaciência», «Um século de pintura», e recentemente um interessante livro de filologia. Tendo regressado na política, foi eleito deputado, mas onde as suas extraordinárias qualidades intelectuais se afirmam com assombrosa grandeza foi no professorado e nas letras. Com a sua morte, Portugal perde um grande amigo

O jóvem Isaac Feldman, fenomenal violinista da América do Sul que realiza no próximo dia 5 um concerto no Conservatório Nacional de Música, sob o patrocínio da Embaixada do Brasil

Visconde de Samuel of Mont Carmel — Lord Samuel, antigo Alto Comissário na Palestina e Presidente da Comissão de Auxílio aos Judeus Refugiados de Inglaterra acaba de ser nomeado Visconde de Samuel of Mont Carmel. Esta distinção foi aplaudida entusiasticamente pelos muitos milhares de admiradores de Lord Samuel que é uma das figuras de maior prestígio da Inglaterra



A TOMADA DA BASTILHA

Mais uma vez a França festeja a tomada da Bastilha, patenteando assim a sua aversão ao absolutismo real.

A terrível Bastilha que o preboste Hugues Aubriot mandara construir no século XIV, a título de fortaleza, tornou-se mais tarde prisão do Estado, ou antes, armazem dos rancores reais, visto ser para ali que o soberano mandava despejar todos aquêles que lhe caíam em desagrado ou o podiam prejudicar.

Assim se explica a horrenda reclusão do Homem da Máscara de Ferro que ali terminou os seus dias sem que, a seu respeito, fôsse organizado o mais ligeiro processo. Afirmava-se que o desventurado era um irmão gêmeo de Luiz XIV e que o rei, receando a concorrência, o mandara encarcerar, afivelando-lhe ao rosto uma máscara para que não fôsse reconhecido. Esta máscara modelada em ferro não podia ser tirada nunca, tendo o desgraçado andado assim durante tôda a sua vida miserável. Nem mesmo depois de morto lhe tiraram a horrorosa máscara, visto que assim o sepultaram.

Luiz XIV, tendo conhecimento dos múrmurios que, á sua volta se formavam, pretendeu fazer crêr que se tratava de um tal Mattioli, preso pelo crime de alta traição em território veneziano, e conduzido á França por sua ordem.

Esta desculpa não foi aceita, apesar das categorizadas testemunhas que o soberano arranjara sem grande esfôrço, como se calcula. Se o preso da Bastilha fôsse o traidor italiano, como o rei pretendia fazer crêr, para que lhe ocultava o rosto com tanto cuidado, não fôsse alguem reconhecê-lo? Se os justiçados eram expostos em ponto bem alto para que tôda a gente pudesse vêr o seu último esgar; se chegavam a esquartejá-los colocando-se um pedaço no alto de cada uma das portas da cidade, porque teimava o rei em esconder-lhe a cara de qualquer olhar indiscreto? Porque não o mandou matar, visto ser criminoso de alta-traição e, portanto, sujeito, à face da lei, à pena de morte?

Porque, sendo seu irmão, lhe repugnava a decisão brutal de Caim, embora o inocente Abel tivesse sofrido menos do que êste não menos inocente desgraçado, cujo único delito consistia em ter vindo ao mundo no mesmo ventre que gerara o rei da França!

De todas estas misérias foi cenário a pavorosa Bastilha. Ali estiveram também Voltaire, Latude, Foucquet, Bassompierre, o duque d'Orléans, Jacques d'Armagnac, Lally-Tollendal e tantas outras figuras ilustres. Porque não mascararam êstes também? Quando ali esteve a marquesa de Brinvillíeres — a sinistra envenenadora — ainda se compreendia que o rei lhe fizesse esconder o rosto sedutor, não fôsse um dos seus olhares ardentes fazer perder a cabeça aos juizes que a condenaram a decapitação e á fogueira. Houve Frineias em todos os tempos, sendo poucas, portanto, todas as precauções.

A Bastilha era uma espécie de túmulo, podendo dizer-se que todo aquêle que para ali fôsse atirado, apenas teria de contar com o lento apodrecimento do seu corpo.

Tal como no Inferno inventado por Dante, sôbre o seu pórtico sombrio poderia ser colocado o fatal letreiro:

Ó vós que entrais, deixai lá fora
a esperança!

Considerada como o símbolo da tirania real e do regime absolutista, a Bastilha foi tomada e destruida pelo povo de Paris no dia 14 de Julho de 1789.

Esta data ficou memorável porque sendo demolido um casarão, cujas paredes ainda estavam húmidas das lágrimas de centenas de infelizes, foi levantado um dos mais altos baluartes da soberania do povo francês.

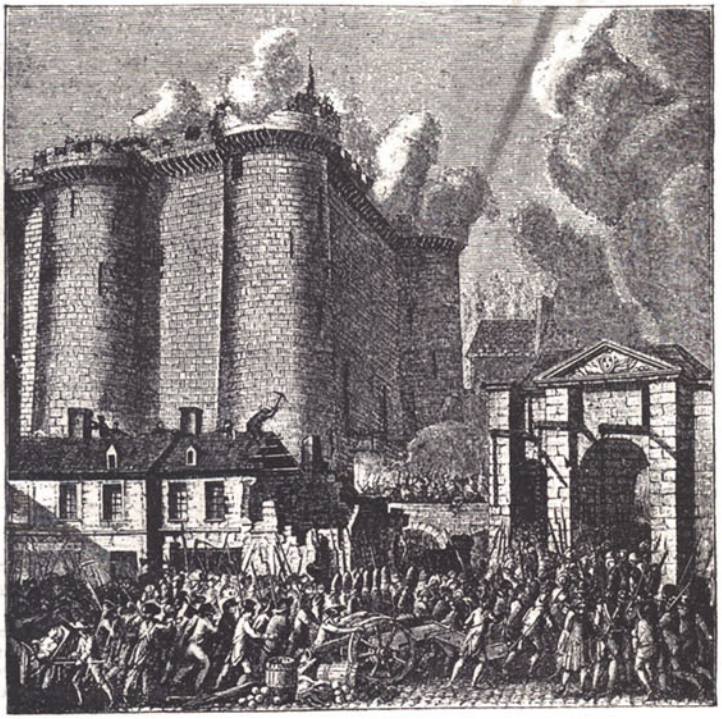
A revolução começou quando o povo, cansado de sofrer crueis e contínuos vexames, se convenceu de que não poderia esperar remédio aos seus males. Os historiadores, os filósofos e os poetas escreviam livremente contra a monarquia. Montesquieu afirmava com o maior desassombro que "sob o govêrno monárquico era impossível que o povo fôsse virtuoso». Helvecio fazia vêr que a «verdadeira monarquia não era mais que uma constituïção imaginada para corromper os costumes dos povos e escravizá-los». Rousseau acrescentava que «se a autoridade do rei vinha de Deus, era justamente da mesma forma que dêle derivavam as doenças e os restantes flagelos do género humano». Os escritores que formavam o grupo dos enciclopedistas educavam o povo nas ideias de justiça e de igualdade, e estas ideias ainda mais faziam notar a corrupção da côrte e dos ricos, que imitavam os nobres, e a injustiça social que permitia que uma parte dos cidadãos fôsse tudo, e a outra, a mais numerosa e trabalhadora fosse nada.

A oposição da costa, a saída de Necker das finanças, e as medidas militares contra a Assembleia, provocaram a insurreição de 14 de Julho. O povo invadiu os arsenais, e tomou a Bastilha, prisão do Estado, matando o governador. Para acalmar a irritação popular, a Assembleia proclamou, na noite de 4 de Agosto, que todos os franceses eram iguais, que já não havia nobreza, privilégios nem feudalismos.

Como o rei se recusasse a sancionar a Declaração dos Direitos do Homem, o povo invadiu o palácio de Versalhes e conduziu a Paris em triunfo, mas sob prisão, a família real.

E assim ficou memorável êste dia, que a França escolheu para a sua festa nacional.

A. L.



VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

No São Luiz Cine

Num ambiente de arte e elegância realizou-se na noite de 14 da Junho passado, no São Luiz Cine, gentilmente cedido pela emprêsa A. Ramos Limitada, uma festa de caridade, levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, presidida pela sr.ª D. Adelina Machado Fernandes Santos, cujo produto se destinava a favor da Assistência Paroquial a bem dos pobres doentes da freguesia de Santos-o-Velho.

Constou o espectáculo de três partes, sendo a primeira e a terceira compostas de vários números de dança, e a segunda pela exibição da mímica em dois quadros, original do brilhante dramaturgo sr. Carlos Selvagem, intitulada «Serenata de Polichinelo», com música de Schubert.

Na primeira parte houve três números de dança por crianças, sendo dois de conjunto e um a «Valsa lenta» de Chopin, pela menina Maria Isabel Emauz Leite Ribeiro, e um a «Valsa antiga» de Beethoven por dez pares formados por meninas e rapazes da nossa melhor sociedade, tendo ainda nessa parte a sr.ª D. Maria da Graça Diogo da Silva Teixeira, dito magistralmente três sonetos, sendo dois em francês e um da autoria do inspirado poeta sr. Rui Correia Leite, e na terceira, três números de dança, um popular, um «fox» e a Valsa moderna» com música de Mosskowsky, dançado por onze pares, sendo o principal formado pela sr.ª D. Maria de Lourdes da Costa Sousa de Macedo (Mesquitela) e pelo sr. D. Manuel Lobo da Silveira (Alvito), sendo todos os números destas duas partes bisados.

Ainda na terceira parte houve a sr.ª D. Julieta de Castro Ferreira, deliciou a selecta assistência, cantando com um extraordinário à-vontade, e graciosidade, alguns «foxes», sendo sem dúvida alguma êsse o número de maior êxito da noite. Como acima dissemos a segunda parte foi preenchida pela exibição da mímica «Serenata de Polichinelo», desempenhada por um grupo de amadores, qué deram aos vários personagens grande realce, conseguindo mercê de um incansável esfôrço, vencer a dificuldade dêsse género de teatro.

O público que enchia a vasta sala do São Luís Cine, assim o compreendeu, não regateando aos improvisados artistas frenéticos aplausos.

A comissão organizadora desta festa deve ter ficado plenamente satisfeitá, com os resultados obtidos, tanto financeiro, como mundano e artístico.

No Parque Helena

A favor dos orfãos e hospitais de Sangue da Guerra de Espanha, realizou-se no Parque Helena, à rua Marquês de Fronteira, gentilmente cedido pelos seus proprietários, um «Chá Mah-jong», levado a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade de que faziam parte D. Alice Caro de Sonsa Melo, D. Angela Carvajal Teles da Silva, D. Beatriz Benjamim Pinto de Vasconcelos Gonçalves, D. Beatriz de Mendonça, Condessa de Castelo Mendo, Condessa de S. Mamede, D. Elsa Barroso, D. Isabel Maria da Costa Sousa de Macedo Gentil, D. Júlia Cardoso de Castilho Santos Silva, D. Maria Adelaide Ribeiro da Cunha Azevedo Rua, D. Maria Dargent Pereira Caldas, D. Maria Cândida Metelo, D. Maria do Carmo de Castro Pereira de Carvalho, D. Maria Gabriela Goulart Caldas Forte, D. Maria Lane Borges de Sousa, D. Maluísa Fernandes Duarte de Oliveira, D. Maria Roquete de Campos Henriques, D. Maria Tereza Meira, D. Maria Tereza Pressler Lino, Marquesa de Faial, D. Palma Vahim Cassiano Neves, e D. Wanda da Fonseca de Barros Gomes, na tarde de 7 de Junho passado.

O aspecto do magnífico parque nessa tarde era verdadeiramente encantador para o que muito concorreu o grande número de senhoras da nossa primeira sociedade que ali deram ponto de reünião.

Além de animadas partidas de «Mah-jong», houve também de «Bridge» e de «Bluff».

Pelas seis horas foi servido um finíssimo «chá» volante, fornecido pela pastelaria «Aurea».

A comissão organizadora deve ter ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos tanto debaixo do ponto de vista financeiro, como mundano.

Jogos Florais

Da comissão organizadora dos «Jogos Florais Luso-Espanhois», que se realizaram no São Luís Cine, a favor dos feridos do exército nacionalista espanhol, levados a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, com extraordinário êxito, recebemos, com o pedido de publicação a nota da receita e despesa da mesma festa:

Receita: Bilhetes vendidos, 39.380$00; Flores oferecidas, 2.000$00; Venda de programas, 1.100$00. *Total:* 42 480$00. — *Despesa:* Especificada nas contas, publicadas no jornal a *Voz*, 8.209$20; Bilhetes devolvidos, restituída a sua importância, devido ao adiamento da festa, 350$00. *Total:* 8 559$20. — *Lucro:* Gasto pela sr.ª D. Ana Laboreiro Pedrilla, na compra de material para os Hospitais Espanhóis, 1.550$00; Entregue pelo sr. Conde de Avilez, tesoureiro da comissão executiva, na redacção do jornal a *Voz*, 32.370$800. *Total do lucro da festa:* 33.920$80.

Casamentos

Celebrou-se, presidido por Sua Excelência Reverendíssima o senhor Arcebispo de Ossirindo, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, na Capela da Quinta do Bom Sucesso, em Loures, propriedade do sr. Henrique Simões, o casamento da sr.ª D. Maria Luiza de Melo Pimentel Leite de Faria, interessante filha da sr.ª D. Berta Barbosa de Araujo Leite de Faria e do sr. António Leite de Faria, com o sr. dr. Jorge de Melo Rêgo, filho da sr.ª D. Helena Simões de Melo Rêgo e do sr. dr. Orlando de Melo Rêgo, tendo servido de madrinhas as sr.ªs D. Fernanda Pereira Pinto de Lima, e D. Beatriz de Araujo Ravasco e de padrinhos os srs. Elio de Melo Rêgo e Henrique Simões, tios do noivo. Sua Santidade dignou se enviar aos noivos a sua bênção.

Finda a cerimónia foi servido no salão de mesa um finíssimo lanche, seguindo os noivos para o Palace do Bussaco, onde foram passar a lua de mel.

Numa das vastas salas do palacete da Quinta do Bom Sucesso, encontravam-se expostas as numerosas prendas oferecidas aos noivos, entre as quais se destacava a baixela em prata, trabalho da Ourivezaria da Guia, que cada vez mais vai marcando, não só pelo gôsto artístico, como sobretudo pela forma como o trabalho está acabado, que afirma de uma maneira categórica como o operário português, que se dedica a êsses trabalhos, se vai aperfeiçoando, podendo bem rivalizar com os seus congéneres do estrangeiro, é nos muito grato fazer estas pequenas referências aos nossos operários, por dois motivos, primeiro porque serve de incentivo e em segundo porque se deve pôr em evidência, os que assim concorrem para o bom nome do nosso belo país.

— Na capela do palacete da sr.ª D. Luzia Patrício de Fratel e do sr. Conselheiro dr. Manuel Fratel, celebrou-se o casamento de sua gentil sobrinha sr.ª D. Maria Teresa Patrício de Gouveia, filha da sr.ª D. Fausta Patrício de Gouveia e do nosso querido amigo sr. dr. Afonso de Gouveia, com o sr. conde de Penalva d'Alva, filho da sr.ª condessa de Penalva d'Alva (D. Maria Pia), já falecida, e do sr. conde de Penalva d'Alva, tendo servido de madrinhas as tias da noiva sr.ª D. Clemência Patrício Santos Tavares, esposa do sr. dr. Francisco Santos Tavares, ilustre ministro de Portugal na Haia, e D. Aurora Gouveia da Cunha, e de padrinhos os tios do noivo sr. Marquês de Belas e Carlos Figueira, presidindo ao acto monsenhor Dr. Mendes do Carmo, que representando Sua Excelência Reverendíssima o senhor Bispo da Guarda, que se encontra ausente da diocese, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Casamento da sr.ª D. Fernanda Bensaude Lemoine Branco, com o distincto clinico sr. dr. António Arnaldo Carvalho de Sampaio, celebrado na paroquial de S. Sebastião da Pedreira. Os noivos e convidados á saída da igreja

(Foto *Álvaro Campião*)

Terminada a cerimónia foi servido no salão de mesa, um finíssimo lanche da pastelaria «Benard», partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, para Fatela propriedade da Casa Penalva, onde foram passar a lua de mel.

Na assistência à cerimónia viam-se largamente representadas as duas famílias.

— Pela sr.ª D. Berta Laura Pereira Caldas Bastos Mendes, esposa do ilustre advogado Dr. Emídio Guilherme Garcia Mendes, foi pedida em casamento para seu filho Manuel, distinto advogado, a sr.ª D. Adélia Marques da Silva Simões Pereira, gentil filha da sr.ª D. Maria da Glória Marques da Silva Simões Pereira e do sr. Dr. António Simões Pereira, já falecido e neta da sr.ª D. Adelaide Marques da Silva e do sr. António Marques da Silva.

— Na paroquial da Basílica da Estrêla, celebrou-se presidido pelo reverendo prior Monsenhor Domingos Nogueira, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, o casamento da sr.ª D. Maria Júlia Pereira do Carmo de Sousa, interessante filha da sr.ª D. Sofia da Conceição Fernandes de Sousa e do sr. José Joaquim Hilário de Sousa, com o sr. Manuel Francisco Afonso, filho da sr.ª D. Joaquina da Luz Afonso e do sr. Manuel Francisco Afonso, tendo servido de madrinhas as sr.ªs D. Maria da Conceição de Sousa, avó da noiva e D. Conceição Soares, e de padrinhos o pai da noiva e o sr. Joaquim José Soares.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva um finíssimo lance da pastelaria «Versailles», partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, para o norte, onde foram passar a lua mel.

— Celebrou-se em capela armada na elegante residência do Estoril, da sr.ª D. Flora Bastos do Amaral e do sr. José Joaquim do Amaral, o casamento da sua gentil filha D. Maria Flora, com o sr. Constantino Mouton Ozório, filho da sr.ª D. Maria Corá Mouton Ozório e do sr. Carlos da Costa Ozório, já falecido, servindo de madrinhas a mãi e a tia da noiva sr.ª D Maria Amélia Amaral Fortes, e de padrinhos os srs. Virgílio Barroso e Henrique Mouton Ozório, irmão do noivo, presidindo ao acto o reverendo prior de Santo António do Estoril, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia que revestiu um carácter de muita intimidade, foi servido no salão de meza, um finíssimo almôço, seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas para as propriedades dos pais da noiva onde foram passar a lua de mel.

D. Nuno.

PIM DE PESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — A. D. 10, 2
Copas — 5.
Ouros — 2.
Paus — 4.

Espadas — R. 8, 7, 6.	N	Espadas — — —
Copas — 4, 3, 2.	O E	Copas — A. R.
Ouros — — — — —		Ouros — A. R.
Paus — — — — — —	S	Paus — R. D. V.

Espadas — V. 9, 3.
Copas — — — — —
Ouros — 3.
Paus — A. 3, 2.

Trunfo é espadas. *S* joga e faz tôdas as vasas.

(Solução)

S joga 3 de ouros que *N* corta com 3 de espadas, jogando o 6 de copas.

S corta 4 de espadas e joga 5 de ouros que *N* corta com 6 de espadas.

N joga Rei e Valete de espadas e, a seguir, Rei de copas.

S balda-se a três cartas de paus.

N joga o 3 de paus.

Ou *E* entra do Az de paus e tem de jogar paus para debaixo de *N*, ou cede fazendo *O* a dama de paus, mas jogando depois ouros para debaixo de *S*.

Uma novela de três mil anos

A mais antiga novela que existe é o *Conto dos Dois Irmãos*, escrita há mais de três mil anos No tempo do rei Meremptah, o suposto Faraó do exodo dos Israelitas.

A história foi escrita para divertir o filho do rei, que depois reinou com o nome de Seti II.

Este assinou o seu nome em dois lugares no manuscrito, sendo êsses talvêz os únicos autógrafos existentes de um rei do Egipto.

O *Conto dos Dois Irmãos* foi escrito em dezenove fôlhas de papiro com letra lançada por mão firme e foi comprada, em 1857 a Mr. d'Orbiney, pelo British Museum.

Os tapêtes «Gobelins»

A mais famosa colecção de tapêtes «Gobelins» que existe é a do palácio imperial de Viena; contém mais de novecentos tapêtes, de um valor incalculável. Além disso, o palácio tem também uma secção dedicada à fabricação de novos tapêtes, e nesta secção de tapeçaria se têm reünido os melhores elementos para que as obras que actualmente se produzem não sejam inferiores às antigas, pois Viena não quere perderder a sua velha tradição nesta arte delicada.

Os pintores mais famosos da Austria, trabalham nos modêlos. Entre os que mais se distinguem nêstes trabalhos figuram Paris von Guetersloh, Andry e Kossak. A execução dos modêlos dêstes artistas é confiada a operários de reconhecida competência. As oficinas da Fábrica de Tapêtes do Estado têm teares que medem três metros de largura. Esta fábrica é uma emprêsa comercial e fabrica também tecidos para móveis, exportando grande parte dos seus produtos para o estrangeiro.

Flor que muda de côr seis vezes por dia

Esta flor extraordinária existe no México. Ao amanhecer é dum branco imaculado, tornando-se à medida que a manhã vai avançando, em côr de rosa e, cêrca do meio-dia, em vermelho vivo.

Ao começo da tarde torna-se côr de malva, mas daí a uma hora já muda de côr outra vez e então para rôxo.

Ao anoitecer, novamente muda para azul vivo e assim fica durante a noite. De manhã volta a ser branca outra vez.

Os botânicos têm apresentado várias teorias para explicar estas alterações de côr mas continua ainda a ser um mistério, assim como mistério é também o facto da flôr em questão só se dar no México.

Uma interessante descoberta

O conhecido arqueólogo japonês, Adachi Masashi, descobriu em Kamid, aldeia da província de Tottori, uma estatueta representando a Virgem do Menino Jesus; a estátua estava protegida por duas pequenas meias-portas de madeira ornadas de esculturas: a adoração dos Magos.

O valor histórico do objecto excede o seu valor artístico; a sua presença naquela aldeia provém, sem dúvida, de acontecimentos passados no século XVII. Em 1637, os cristãos de Arina sublevaram-se e apoderaram-se da fortaleza de Shimbate; vencidos, fôram deportados para diversas regiões do império; um grupo enviado para a província de Tottori, deve ter levado para o seu exílio a estátua em questão.

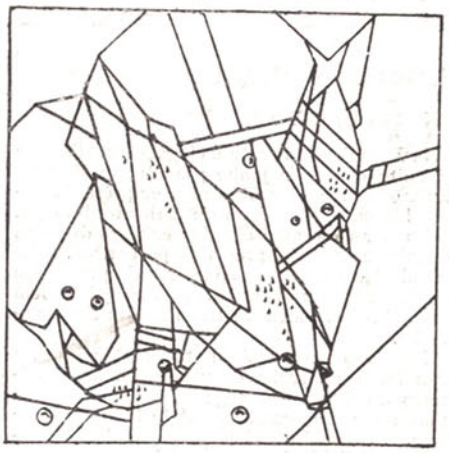
Resultado inesperado

A reprodução das cênas naturais perante as objectivas dos aparelhos de filmar revela as maiores surprezas: Há tempo um *studium* berlinense resolveu reproduzir um documentário onde aparecia uma enorme serpente boa que devia, numa floresta virgem improvisada, comer uma grande rata. Quando tudo estava a postos e depois de ter a boa evolucionado e mostrado a sua fotogénia, soltou-se a rata. Perante o assombro de tôda a gente, os dois bichos confraternizaram como velhos amigos. Então o director do estudio ordenou que se colocasse a boa, uma porção de tempo em completa abstinência, findo o qual se repetiu a cêna. Deu-se nesta altura o inverso do que se esperava: foi a rata que atacou a serpente à dentada e te-la-ia morto se a não retirassem.

O urso castanho habita nas altas montanhas e grandes bosques de tôda a Europa, duma parte da Asia e da África. São os camponezes dos Alpes quem costumam domesticar os ursos pequenos que apanham nas matas, para depois, percorrerem com êles vários países da Europa, obrigando-os a dar piruetas ao som da flauta e do tambor.

Desenho cúbico

(Passatempo)



Pegando num lápis e escurecendo, com êle, certas porções circundantes do desenho, ver-se-ão aparecer as figuras de três peixes.

Encontrar o rifão

(Solução)

Tratava-se de dar diferente ordem às fantásticas palavras, alheias a tôda e qualquer língua conhecida, que apresentámos no enunciado do *passatempo*, e por forma a dar-lhes claro sentido. Eis a disposição nova que pretendíamos:

M A S L Z
I V E E M
A D R F U
I B I Q E
E Z U E O
E E U U E
S S B R A

Colocadas assim as sete fileiras de letras, pode ler-se de cima para baixo, verticalmente o rifão seguinte:

Mais vale dizer, bem fiz eu que se eu soubera.

Luizinha escrevendo à sua mãi:

«Querida mãi! Estou muito triste por a mamã estar longe, e tenho muitas saudades suas. O que me vale ainda, é o papá andar muito contente, provavelvente para me distrair a mim. E' tão bom o paizinho!»

O maçador: — *Se eu tivesse dinheiro, muito havia de viajar!*
Ela (farta de o aturar): — *Olhe, eu tenho aqui dez escudos que lhe posso dispensar. A'é que distância poderá ir com êles?*

(Do *Tit-Bits*)

Um grande sucesso de livraria

À VENDA A 8.ª EDIÇÃO

FÁTIMA

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

Um volume de 378 páginas, brochado, com capa a côres e oiro ..... **12$00**
Pelo correio à cobrança ..... **13$50**

Pedidos aos editores:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Pulverise **FLIT** *o inimigo implacavel dos insectos*

Não use «insecticidas» inuteis contra as traças, arriscando os seus vestidos!

Flit vende-se em 90 paizes, prova da sua eficacia na destruição dos insectos. Acautele-se contra productos mascarados de Flit. As latas de Flit só se vendem seladas para evitar fraudes. **Nenhum producto vendido avulso é Flit.** Exija as famosas latas amarelas com o soldado e a lista preta, recuse os substitutos.

Espalhe PÓ FLIT nas fendas e buracos onde os insectos põem os ovos, e estes morrerão logo.

FLIT mata SEMPRE!

A aparecer à venda dentro de poucos dias

SAMUEL MAIA

ÊSTE MUNDO E O OUTRO

1 vol. de 298 págs., brochado ..... **12$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

SENSACIONAIS REVELAÇÕES CIENTIFICAS RESULTANTES DE PROFUNDAS INVESTIGAÇÕES

Estudos sôbre Quirologia, Metoposcopia e Astrologia

Segundo os mêtodos modernos do Prof. FANNY LORAINE

Curiosas divulgações sôbre o Destino. A vida do homem está escrita nas linhas da mão, definida pelas rugas da testa e regulada pelas influências astrais

A quirologia é uma ciência, e como tôdas as ciências, está baseada em verdades positivas, filhas da experiência e que portanto, por serem demonstráveis, são indiscutíveis.

Conhecimento dos carácteres dos homens por meio dos vários sinais da testa. As sete linhas da fronte.
As raízes da Astrologia. A lua nos signos do zodiáco.

Nesta interessantíssima obra qualquer pessoa encontra nas suas páginas o passado, o presente e o futuro.

1 vol. broc. de 186 págs., com 8 gravuras em papel couché e 21 no texto, **Esc. 10$00**, pelo correio à cobrança, **Esc. 12$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

: : ENCADERNADOR - DOURADOR : :

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editôres, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10$00

1 — **Da terra à lua,** viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.

2 — **Á roda da lua,** trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.

3 — **A volta ao mundo em oitenta dias,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

Aventuras do capitão Hatteras, trad. de Henrique de Macedo:

4 — 1.ª parte — *Os ingleses no Polo Norte.* 1 vol.

5 — 2.ª parte — *O deserto de gêlo.* 1 vol.

6 — **Cinco semanas em balão,** trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.

7 — **Aventuras de três russos e três ingleses,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

8 — **Viagem ao centro da terra,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

Os filhos do capitão Grant, trad. de A. M. da Cunha e Sá:

9 — 1.ª parte — *América do Sul.* 1 vol.

10 — 2.ª parte — *Austrália Meridional.* 1 vol.

11 — 3.ª parte — *Oceano Pacífico.* 1 vol.

Vinte mil léguas submarinas:

12 — 1.ª parte — *O homem das águas,* trad. de Gaspar Borges de Avelar.

13 — 2.ª parte — *O fundo do mar,* trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.

A ilha misteriosa, trad. de Henrique de Macedo:

14 — 1.ª parte — *Os náufragos do ar.* 1 vol.

15 — 2.ª parte — *O abandonado.* 1 vol.

16 — 3.ª parte — *O segrêdo da ilha.* 1 vol.

Miguel Strogoff, trad. de Pedro Vidoeira:

17 — 1.ª parte — *O correio do Czar.* 1 vol.

18 — 2.ª parte — *A invasão.* 1 vol.

O país das peles, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:

19 — 1.ª parte — *O eclipse de 1860.* 1 vol.

20 — 2.ª parte — *A ilha errante.* 1 vol.

21 — **Uma cidade flutuante,** trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.

22 — **As Índias Negras,** trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.

Heitor Servadac, trad. de Xavier da Cunha:

23 — 1.ª parte — *O cataclismo cósmico.* 1 vol.

24 — 2.ª parte — *Os habitantes do cometa.* 1 vol.

25 — **O Doutor Ox,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

Um herói de quinze anos, trad. de Pedro Denis:

26 — 1.ª parte — *A viagem fatal.* 1 vol.

27 — 2.ª parte — *Na África.* 1 vol.

28 — **A galera Chancellor,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

29 — **Os quinhentos milhões de Begun,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

30 — **Atribulações de um chinês na China,** trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.

A casa a vapor, trad. de A. M. da Cunha e Sá:

31 — 1.ª parte — *A chama errante.* 1 vol.

32 — 2.ª parte — *A ressuscitada.* 1 vol.

A jangada, trad. de Pompeu Garrido.

33 — 1.ª parte — *O segrêdo terrível.* 1 vol.

34 — 2.ª parte — *A justificação.* 1 vol.

As grandes viagens e os grandes viajantes, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:

35 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 1.º vol.

36 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 2.º vol.

37 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 1.º vol.

38 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 2.º vol.

39 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 1.º vol.

40 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 2.º vol.

41 — **A escola dos Robinsons,** trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.

42 — **O raio verde,** trad. de Mendonça Balsemão. 1 vol.

Kéraban, o Cabeçudo, trad. de Urbano de Castro:

43 — 1.ª parte — *De Constantinopla a Scutari.*

44 — 2.ª parte — *O regresso.* 1 vol.

45 — **A estrêla do sul,** trad. de Almeida de Eça. 1 vol.

46 — **Os piratas do arquipélago,** trad. de João Maria Jales. 1 vol.

Matias Sandorff:

47 — 1.ª parte — *O pombo correio.* 1 vol.

48 — 2.ª parte — *Cabo Matifoux.* 1 vol.

49 — 3.ª parte — *O passado e o presente.* 1 vol.

50 — **O náufrago do «Cynthia»,** trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.

51 — **O bilhete de lotaria n.º 9.672,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

52 — **Robur, o Conquistador,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

Norte contra Sul, trad. de Almeida de Eça:

53 — 1.ª parte — *O ódio do Texar.* 1 vol.

54 — 2.ª parte — *Justiça.* 1 vol.

55 — **O caminho da França,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

Dois anos de férias, trad. de Fernandes Costa:

56 — 1.ª parte — *A escuna perdida.* 1 vol.

57 — 2.ª parte — *A colónia infantil.* 1 vol.

Família sem nome, trad. de Lino de Assunção:

58 — 1.ª parte — *Os filhos do traidor.* 1 vol.

59 — 2.ª parte — *O padre Johann.* 1 vol.

6 — **Fora dos eixos,** trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.

Cesar Cascabel:

61 — 1.ª parte — *A despedida do novo continente,* trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.

62 — 2.ª parte — *A chegada ao velho mundo.* trad. de Lino de Assunção. 1 vol.

A mulher do capitão Branican, trad. de Silva Pinto:

63 — 1.ª parte — *A' procura dos náufragos.* 1 vol.

64 — 2.ª parte — *Deus dispõe.* 1 vol.

65 — **O castelo dos Carpathos,** trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.

66 — **Em frente da bandeira,** trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.

A ilha de Hélice, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:

67 — 1.ª parte — *A cidade dos biliões.* 1 vol.

68 — 2.ª parte — *Distúrbios no Pacífico.* 1 vol.

69 — **Clovis Dardentor,** trad. de Higino de Mendonça. 1 vol.

A esfinge dos gêlos, trad. de Napoleão Toscano:

70 — 1.ª parte — *Viagens aos mares austrais.* 1 vol.

71 — 2.ª parte — *Lutas de marinheiro.* 1 vol.

72 — **A carteira do repórter,** trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.

O soberbo Orenoco, trad. de Aníbal de Azevedo:

73 — 1.ª parte — *O filho do coronel.* 1 vol.

74 — 2.ª parte — *O coronel de Kermor.* 1 vol.

75 — **Um drama na Livónia,** trad. de Fernando Correia. 1 vol.

76 — **Os náufragos do Jonathan,** trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.º vol.

77 — **Os náufragos do Jonathan,** trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.º vol.

78 — **A invasão do mar,** trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.

79 — **O farol do cabo do mundo,** trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.

80 — **A Aldeia Aéria,** trad. de José Coelho de Jesus Pacheco. 1 vol.

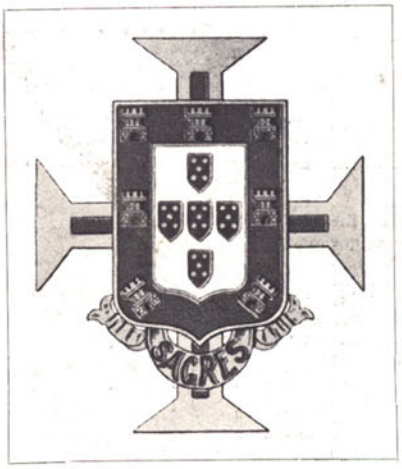
Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

Companhia de Seguros SAGRES

Sinistros pagos até 31-12-1936
Esc. 19.048.594$54

Seguros de automóveis, Responsabilidade civil, todos os riscos

CONSULTEM
A
SAGRES



Capital e reservas em 31-12-1936
Esc. 13.915.096$56

Seguros agrícolas, Fogo, Marítimos e Postais, Vida em tôdas as modalidades

CONSULTEM
A
SAGRES

Companhia de Seguros SAGRES

RUA DO OURO, 191 — (Edificio próprio) — **Telef. 2 4171**

A Companhia mandará um empregado a quem o solicitar mesmo pelo telefone

---

Á VENDA

a 3.ª edição, corrigida, de

O Romance de Amadis

reconstituido por **Afonso Lopes Vieira**

1 volume de 230 páginas, ilustrado, brochado..... **15$00**
Pelo correio, à cobrança ..... **16$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

Orações e Conferências

de **CARLOS MALHEIRO DIAS**

1 vol. de 176 págs., broch. . . . . **8$00**
Pelo correio à cobrança . . . . . **9$00**

À venda em tôdas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

À venda a 3.ª edição

AVENTURA MARAVILHOSA

de D. Sebastião, Rei de Portugal, depois da batalha com o Miramolim

ROMANCE
por **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 318 págs., com uma artística capa de Alberto de Sousa, brochado **12$00**
Pelo correio, à cobrança **14$00**

■

Edição da LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS
DE
JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ... 1$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

ASSINATURA EXTRAORDINÁRIA

para venda dos últimos exemplares desta edição

Os três volumes da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são **um álbum e guia da literatura portuguesa** contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, **gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc.** O volume 1.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro, o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fora do texto e 2.157 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, é escrita pelas **mais eminentes figuras da especialidade,** nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sôbre vários assuntos firmam artigos **A. Botelho da Costa Veiga, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Alfredo Pimenta, António Baião, Fidelino de Figueiredo, Gustavo de Matos Sequeira, Hernâni Cidade, Joaquim de Carvalho, José de Figueiredo, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge,** etc., etc.

Cada fascículo de 32 páginas, profusamente ilustradas,

Esc. 10$00

Aceitam-se assinaturas para todos os pontos do país

Examinem o fascículo-espécime em qualquer livraria

ou na

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett — LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

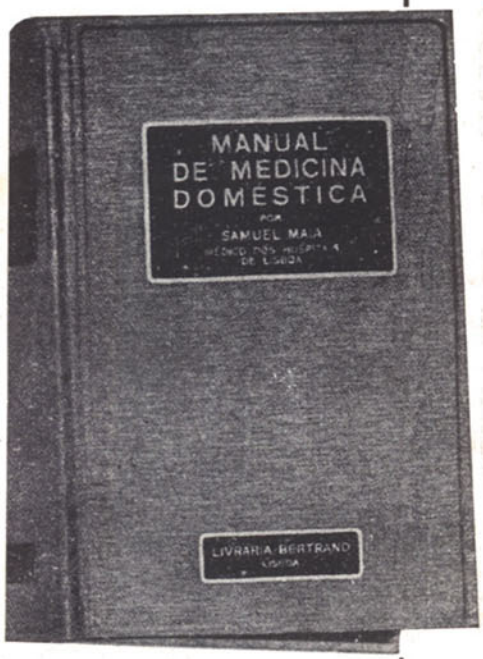
O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica,** é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestàvelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre,** qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sôbre enfermagem,** mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.



Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA

EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na **ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência,** ou na sua falta, como no interior e **sempre que seja preciso actuar imediatamente,** recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

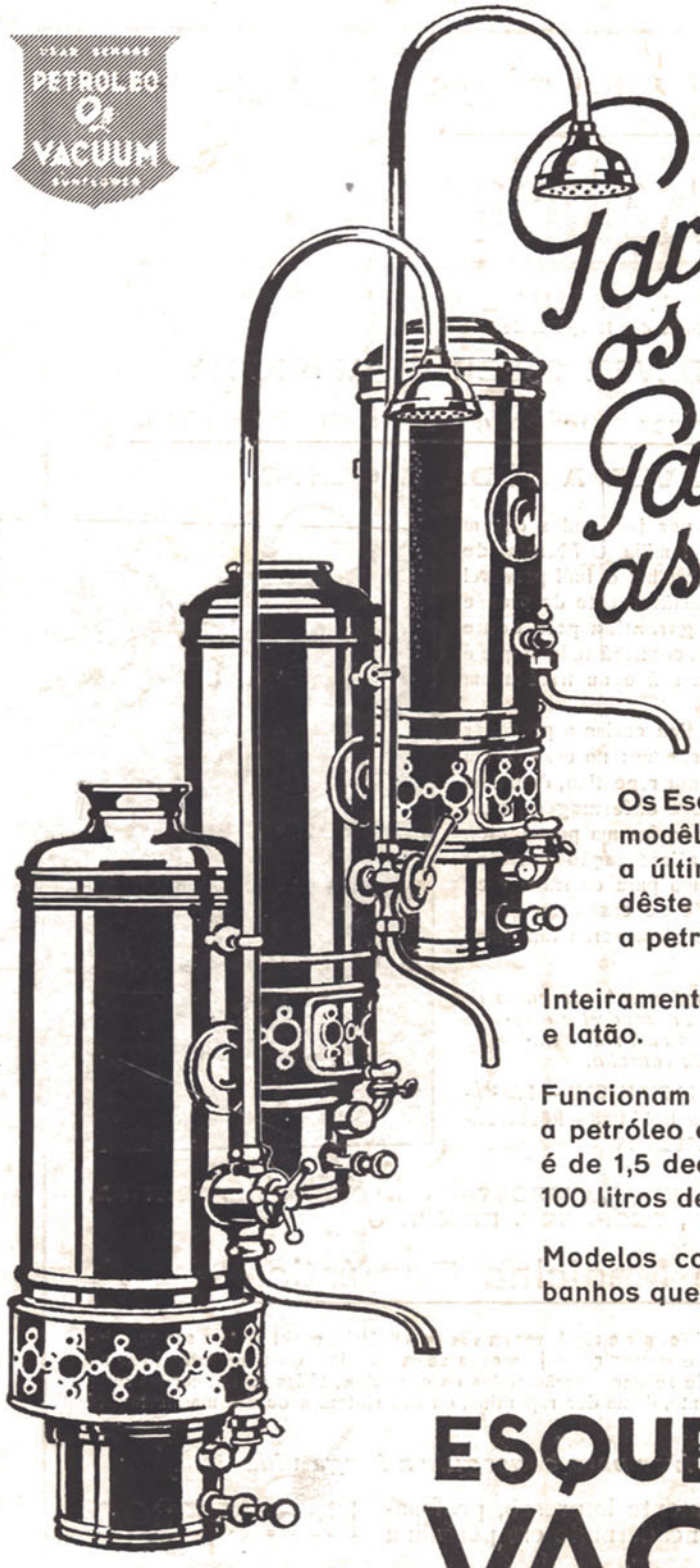
Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

PETROLEO
VACUUM



Para todos os gostos... Para todas as bolsas!

Os Esquentadores Vacuum N.° 1, modêlos B, C e D, representam a última palavra em aparelhos dêste género para funcionarem a petróleo.

Inteiramente construidos em cobre e latão.

Funcionam como qualquer fogareiro a petróleo e o seu máximo consumo é de 1,5 decilitro para um banho de 100 litros de àgua.

Modelos com e sem chuveiro para banhos quentes e frios.

ESQUENTADOR VACUUM

Só são «Esquentadores Vacuum» aqueles que teem gravada a marca VACUUM

1589